

Entrevista do sertanista João Evangelista de Carvalho (SPI/Funai) a Carlos A. Ricardo/CEDI, registrada em vídeo (câmera Murilo Santos), Belém (PA), 17/10/92.

JC - (falando sobre os tupi do Cuminapanema) Eu acho que a Funai não pensava que nós íamos encontrar índio. Então na hora eles falaram para a televisão, para a Globo, lá em Santarém, eles disseram "calma, vocês vão com o João que o João é competente, capaz mesmo de vocês encontrarem os índios". Terceiro dia nós encontramos, nós fomos assim, sem rumo certo, fomos assim indagando, indagando, chegamos, "apareceu uns índios aí, mataram um cavalo faz um ano e pouco", mataram em agosto de 81 e nós estávamos em maio, esses índios não estão mais aí, não é? Aí nós entramos nessa área, porque nós íamos para a área do Araribóia, lá tem um grupo grande de Guajá, nós íamos para lá, mas o pessoal já tinha procurado, passado seis meses, inclusive o Sidney, seis meses há procura desses índios e não encontraram. Aí nós entramos, Primeiro foi num lugar onde eles tinham uns barracos já de quase mais ou menos um ano, pouco mais de um ano. Depois nós atravessamos para outra área e aí fomos dar em cima dos índios.

Primeiro dia nós entramos no mato, nós entramos assim umas nove horas, quando foi duas da tarde nós encontramos os índios. Eles correram, ficou um, mas deu para a gente fazer o contato, conversar com ele bem, deu para mim falar logo, ajudar o intérprete. Aí nós conversamos, marcamos encontro para o dia seguinte. No dia seguinte nós fomos e ele lá esperando, só que não estava do jeito que nós deixamos, ele tinha arranjado uma roupa velha, que tinha conseguido não sei por onde, estava todo amarrado com envira, a roupa toda costurada com envira, porque já não dava mais. Tinha o filho também vestido de saco, um saco, esse saco de açúcar, mas era muito velho, muito sujo, todo amarrado também feito envira, feito assim, ele fez uma buraco em cima, se meteu, parecia um roupão, pensei que era uma mulher. Achei bastante interessante.

Em fevereiro eu tinha ido, os índios do Canindé encontraram os índios Guajá entrando e eu fui para lá verificar e também no primeiro dia nós entramos, encontramos os índios, eles correram. Era só três índios, não, eram dois homens, uma mulher e uma criança, eram quatro que correram e não conseguimos mais encontrar. Aí ficamos lá (...) subindo o rio o refúgio deles, subindo o rio.

B- O sr. acha que tem muito Guajá por aí ainda ?

JC - Ainda tem bastante sim.

B- Para onde ?

JC - Olha, nessa área tem, lá do Araribóia, tem lá do Governador, lá do Maranhão, na área dos Guajajara e dos Gaviões. Até esse dos Guajajara lá, na área do Araribóia, é grande o grupo, é grande não, deve ter umas 20 pessoas. Agora, aqui no Gurupi tem bastante ainda, eu acho que tem uns quatro ou cinco grupinhos, famílias, porque Guajá sempre é assim de família, só andam de família. Quando eu estava no Gurupi eu vi, eu calculava que tinha uns 80 a cem Guajás tudo, mas descobriram quase 200, ainda tem Guajá. Porque a área é grande e eles ficam de grupinho, grupinho.

B- Como você sabe que é Guajá ?

JC - Pelos vestígios que eles deixam.

B- Como é ?

JC - Guajá só, eles só andam de grupinho, então eles fazem aquelas barraquinhas pequeninas típicas, armam a rede, uma redinha que eles têm, os índios não dormem no chão, e a gente nota pelo fogo, calcula o grupo pelo fogo.

B- Mas por que que Guajá é diferente de outros ?

JC - Porque o último, o único índio que existe aqui na área é Guajá. Tinha outros que os Urubu denominavam de Arapihú, tem outro grupo, aí eu não sei como eles dão o nome agora, mas tem outro grupo, já contataram, a fala deles é um pouco diferente, os índios Urubu chamavam de Arapihú porque quer dizer "arara preta", Arapihú, eles dizem arapiú, esses índios falam um pouco diferente, eles falavam diferente e porque têm barba e os Guajá mesmo não têm, e tem uns que têm cabelo no peito também, esses são os Arapihú.

B- Quer dizer que ainda existem esses Arapihú ?

JC - Existe. Esse casal que nós encontramos aí perto da aldeia dos Tembê, eu tinha dois índios comigo, um Katakóia e esse Katakóia é o índio mais medroso que existe, porque o rapaz é muito medroso, ele disse "esses Arapihú", porque eles deram outro nome, é Mihua, eles chamam de Mihua ou então Parema, "os Guajá dão medo porque eles não comem com fogo, moram dentro do oco do pau, não fazem casa nem nada", mas o índio fez um medo para nós, só que eu não fiquei com medo, mas ele fez um medo para nós e obrigou nós voltarmos porque ele não ia mais, ele não quis mais seguir. Agora o outro, Kamairú, esse Kamamirú que estava comigo no contato com os Guajá lá em cima, esse é mais corajoso e é melhor para a gente trabalhar.

B- Como é a cor da pele ?

JC - é tudo moreno, eles são morenos.

B- ... chamam de Arara Preta.

JC - A fala que é arara preta. ... por que o pessoal chama Urubu ? Não é a denominação deles. Porque nós sabemos Urubu, Urubu até que o Darcy, o Darcy perguntou como eles se denominavam. Até 50, de 29 até 50, só ficou o Darcy e nós fomos numa aldeia que não tinha contato, essa aldeia era isolada, completamente isolada e nós fomos lá. Aí eles disseram que eles eram Kaapor, não era Urubu, Urubu era a denominação do branco porque eles quando matavam uma pessoa eles deformavam completamente. Depois nós conversamos (...) que nós fomos saber que eles eram muito sofridos, então quando eles matavam um branco, qualquer pessoa faz isso, se a pessoa tem uma rixa de outra, eles matam para fazer deixar bem morto, para se certificar que está morto. Então eles arrancavam os olhos, o nariz, aí tudo e depois eles levavam, inclusive às vezes eles levavam o testículo tudo para mostrar na aldeia que eles tinham morto um caraíba. Então é isso aí. Depois que a gente começa a trabalhar com índio nós ficamos sabendo que eles fazem tudo em represália. Por exemplo, essa flechada que eu levei, eu falei com o Afonso: "Afonso, vamos ver o que tem por trás disso", porque estavam, parecia que a gente ia encontrar a qualquer momento pacífico e de repente eles atacaram. Então nós fomos saber que os colonos tinham ido na aldeia deles, cortaram as redes todas e locaram fogo nas casas. Aí eles foram "aqueles ali estão fazendo isso para nos amansar e depois vão nos matar também e comer", porque eles comiam e pensavam que a gente comia também. O resultado foi esse, eles foram e fizeram em represália, porque nós estávamos mais fácil para eles, os outros estavam difíceis. Porque o índio, o índio isolado, ele pensa que nós moramos assim em aldeiazinhas como eles, cada um e nós todos que estamos juntos. Olha, os Araweté para mim convencer que todo mundo que estava comigo não era meus parentes, eles nunca, eu dizia "não são meus parentes, eles "São sim, esse é teu filho, esse é teu neto porque tu já é velho, então vocês tudo são parentes", mas "e o preto?", "ah, esse preto é porque é preto mesmo assim", nós tínhamos preto lá, tinha dois pretos e eles não se conformavam que nós... E depois a gente explicar para eles que nós morávamos assim nos lugares onde tinha muita gente, e eles "cadê o mutum ? tem mutum?", "não", "tem anta ?", "não, não tem", "e como é que vocês comem ?", "olha, a gente come boi, mata, uma qualidade anta, grande, e nós moramos lá, tem muita gente que mora em casa alta", e eles "como é que vocês carregam o pau para fazer um pau dessa altura para fazer essas casas que você está dizendo, você é mentiroso" (...) ou é verdadeiro ou é mentiroso, ou é direito ou é ladrão.

B- Seu João, vamos fazer um pouco a sua história. Qual seu nome todo, onde nasceu ?

JC - Meu nome é João Evangelista de Carvalho. Nascido, eu fui registrado em Purus, em 27 de dezembro de 1922. Meus pais eram Antonio Barbosa de Carvalho e minha mãe Maria Araújo de Carvalho. Papai era seringalista lá de Purus e nasci eu e mais duas irmãs. Eu tenho uma irmã mais velha que nasceu também lá no Purus, nasceu em Lábrea e a outra nasceu no (...), outro lugar, ela nasceu em 1925, a Alice. Nós viemos, eu nasci em 22, nós viemos (...)

B- Como era o nome do seringal que seu pai trabalhava ?

JC - Olha, seringal, eu não lembro o nome do seringal que meu pai trabalhava.

B- Ele tinha ido para lá há muito tempo ?

JC - A primeira vez que ele foi em 1916, ele subiu o mato e foi até (...) e depois ele casou com mamãe aí em 1915, 19 ou 20, daí que nós fomos para lá, aí nós fomos morar. Primeiro foi trabalhar na Cachoeira do Hilário, parece que era Cachoeira do Hilário. Esse Hilário era filho do (...), e lá nós ficamos.

B- Quer dizer que o sr. nasceu no meio dos índios ?

JC - É, dos índios Paumari e Apurinã. Até uma ocasião que nós viemos, trouxe um casal de índios aqui, depois pagamos a passagem deles para voltarem.

B- O sr. estava dizendo que naquela época nascia no meio dos índios, o sr. nasceu no meio dos índios mas tinha medo dos índios, não tinha ?

JC - Não, eu tive medo dos índios depois que eu já (...) que eu via aí, essa coisa que eu lia nos jornais, essa coisa de notícias, 35 por aí assim (...) que os índios faziam, saiu nos jornais estampado "Aqueles índios atacaram", "Os índios mataram".

Uma vez eu encontrei com um rapaz que era meu amigo e eu falei "eu trabalho com índios", e ele "larga de ser doido, trabalhar com índios, todo mundo diz que índio não tem consciência, o índio é falso, e não sei o quê". Aí quando foi em 1940, eu fui numa missão religiosa com o bispo de Bragança e dois padres, um de Viamão(?) e outro de Bragança mesmo. Aí nós fomos até o Cajuapara, lá na cabeceira do rio Gurupi, acima de Açailândia hoje (...) e na volta nós encostamos no Posto Felipe Camarão, os padres pararam lá e disseram "vamos na aldeia". Aí nós fomos na aldeia de Piahú, e eu fui também, e cheguei lá e os índios gostaram de mim, e eu sem saber falar nada, ninguém falava português, eu fui e depois gostei dos índios.

B- Qual o primeiro encontro que você teve com eles ?

JC - Foi em 1940.

B- O sr. tinha 18 anos ?

JC - Tinha 18 anos.

B- O sr. morava onde nessa época ?

JC - Eu morava em Camiranga(...) hoje a estrada que liga Pará ao Maranhão passa lá pertinho.

B- Quer dizer, seu pai quando voltou do Acre foi para esse lugar ?

JC - Foi, em 1931 ele foi para lá, depois da Revolução, daquela Revolução de 30.

B- O que ele foi fazer lá ?

JC - O meu tio, casado com a minha tia, ele era coronel da Polícia (...) e lá no Camiranga tinha as minas de ouro do Gurupi, então ele foi administrador das minas de ouro do Gurupi. Aí convidou papai "olha, tu gosta tanto de lavoura, olha, lá tem muita mata, você gosta de trabalhar com agricultura, então vai para lá", e arranjou um lugar para ele e nós fomos morar na beira de um rio chamado Gurupi Mirim. Ficamos de 30 acho que foi até 39. Ele comprou um barco assim, uma lancha, e aí eu saí para trabalhar na lancha, 39 para 40 (...). E quando foi em 43(?) aí eu fui fazer essa viagem com os padres. Voltei e fiquei mantendo contato com os índios Tembé, não era com os Urubu porque Urubu não saía, com Tembé, procurando aprender algumas palavras.

B- Felipe Camarão é Tembé ?

JC - Urubu, era o primeiro posto. Felipe Camarão foi fundado em 1911. Depois que foi criado o SPI foi um dos primeiros postos que foi criado, com os Urubu. Só que os Urubu nunca, quer dizer, não fizeram contato lá com o pessoal, vieram fazer no Canindé.

Quando foi em 46 eu fui convidado para trabalhar, o inspetor Miranda me convidou "quer ir trabalhar com índio ?", "vambora". Aí nesse tempo o Malcher era o inspetor aqui em Belém, aí eu já conhecia o Malcher devido alguns fretes que nós fazíamos lá do Gurupi, tinha que levar umas mercadorias para lá no nosso barco, e eu fui para Belém e conheci o Malcher, e o Malcher "quer trabalhar conosco ?", "vambora", aceitei. Papai era contra.

B- Por que ?

JC - Papai foi contra "ah, trabalhar com índio, você sabe como é isso, não sabe..." (...) pelo menos isso aí eu vou

aprender. Quando eu entrei oficialmente em outubro para o SPI...

B- Outubro de quando ?

JC - Outubro de 46, outubro de 46, está completando agora 46 anos, dia 15 de outubro. Mas, comecei a trabalhar em serviços prestados em julho. E fazendo aquelas viagens tinha um índio, eu fui ser motorista do barco do SPI.

B- Fazia qual trajeto ?

JC - (...) Canindé, Jararaca, Felipe Camarão. E tinha um índio que começou, um rapazinho, começou a trabalhar comigo e aí eu comecei a pedir para ele me ensinar, aí ele começou a me ensinar e eu me dediquei, me dediquei muito, queria aprender.

B- Qual a língua ?

JC - A língua deles, Urubu, Urubu Kaapor. E eu aprendi. Quando foi em outubro, os índios quiseram matar o inspetor (...)

B- Conta essa história, queriam matar quem, por que ? Qual era o inspetor ?

JC - Inspetor Miranda, Raimundo Nonato Miranda, era do Maranhão, era um inspetor especializado e os índios quiseram matar ele porque ele fez uma transferência do chefe lá do Posto que era o Miguel Silva e colocou para o Maracassumé, lá o Posto Gen. Rondon que era o posto desse lado do rio Maracassumbé, e ele colocou para lá e o Miguel Silva morre, aí os índios ficaram aborrecidos porque o culpado era o Miranda. Queriam matar. Então o Miranda pega, junto com o ex-chefe lá do Maracassumé, que é o Elias Maia e me manda "então o João vai lá, leva dois intérpretes e vai para lá, pega um bocado de brindes e vai lá acertar(?) os índios". Quando nós chegamos, tinha muitos índios numa bonita aldeia ali próximo ao Felipe Camarão. Nós chegamos lá e tinha uns índios, nós mandamos avisar. Quando os índios vieram, todos armados, todos com taquara, os índios usavam ponta de ferro, aquela taquara ponta de ferro e a outra ponta de pau taboca, mas eles trouxeram apenas as pontas de ferro, 18 índios. Chegaram e encostaram todo mundo, encosta a flecha assim com o arco armado, porque um índio não flecha sem armar o arco, você sabe. Depois vou contar a história do Araújo, que eles mataram, aliás. E ficaram todos assim encostados, os índios ficaram com os arcos, só um, capitão, veio falar conosco. Aí eu mandei o intérprete dizer que que nós tínhamos ido lá para dizer que o Miranda não foi o culpado da morte do Miguel Silva, porque ele era mandado e esse negócio, nós só fazemos aquilo que somos determinados. Agora, eu fiquei numa agonia porque eu não sabia o que os índios falavam e eu via

que os índios estavam brabos e queriam flechar porque queriam, porque "cadê o Miranda, cadê o Miranda porque nós queremos jogar ele cá de cima da barreira lá embaixo". A barreira lá é bastante alta, cai assim direto. Eles eram 18 índios, não queriam matar o Miranda mas queriam cada um dar uma cacelada nele e depois fazer ele pular lá de cima, uma fundura grande e eles queriam fazer isso. "Não, não, nós não queremos matar o Miranda, nós queremos fazer isso". E eu me senti muito assim sem saber o que os índios falavam, aí eu me dediquei mais, dediquei muito, rápido, com seis meses eu já estava falando a língua mais ou menos, não era perfeito mas mais ou menos.

B- Você tinha freqüentado escola ?

JC - Sim, eu freqüentei até a 1ª série, quase todo, eu sai da escola com nove anos.

B- Você freqüentou escola aonde ?

JC - Aqui em Belém. Eu estudei numa escola que era mista de padre, os padres eram os professores e ensinavam só até a 4ª, mas era uma escola muito boa, a gente aprendia mesmo. E eu parece que tinha uma inteligência assim mais ou menos, e eu fiz 2ª e 3ª série num ano, em julho eu passei para a 3ª série, quando foi no final do ano eu passei para a 4ª e estudei até maio, aí nós fomos embora. Em 31 nós já fomos embora para o Gurupi e aí não estudei mais.

B- Quando você foi convidado para entrar no SPI tinha alguém da família que era do SPI ?

JC - Não, ninguém.

B- O sr. conhecia o pessoal do SPI por causa dos fretes de barco ?

JC - Pelos fretes de barco, eu conhecia, aqui em Belém, dos fretes que eu fazia, aí eu conhecia.

B- As pessoas de referência para o sr. do SPI, dessa época é o inspetor....

JC - Era o inspetor Miranda.

B- E o Malcher.

JC - E o Malcher. Tinha na época o Expedito que trabalhava de secretário. Era o Expedito, o Malcher. Lá tinha o inspetor Miranda, tinha o Miguel Silva, eu conhecia lá do Gurupi mesmo.

B- Quer dizer que a primeira parte do trabalho do sr. foi de barqueiro ?

JC - Foi, eu entrei como auxiliar de sertão, que hoje é o auxiliar de sertanista. Entrei como auxiliar de sertão, eu era o substituto do chefe do Posto, naquele tempo a gente era o substituto do chefe do Posto e eu era o substituto do Elias Maia.

B- Que era...?

JC - Era agente de proteção aos índios lá no Felipe Camarão. Só que ele não ficou no Felipe Camarão, ele veio do Pedro Dantas que era o posto Canindé, era o Pedro Dantas.

B- E quanto tempo o sr. ficou nessa função de auxiliar de sertão ?

JC - Eu fiquei até 53. Aí passei a agente.

B- Qual lugar ?

JC - Na área (...) fui ser chefe, foi o tempo que o Darcy esteve aqui e o Elias Maia desceu, pediu licença e eu era o substituto dele, fiquei no lugar. E eu fiquei, o Darcy parece que achou que eu estava trabalhando bem e aí eu fiquei como chefe de Posto (...)

B- Como foi a estada do Darcy aqui, conta um pouco. Como você conheceu ele ? Quando ele chegou aqui ? Como era ?

JC - Bem, quando o Darcy chegou, a viagem de lá era um sacrifício tremendo, o Darcy veio em 49, eu estava no Oiapoque e o Luiz Fernandes, não era mais o Malcher já era o Luiz Fernandes o chefe aqui, eu fui fazer uma montagem em frente ao (...) montar uma olaria... instalar luz, lá no Posto do Uaçá que era a menina dos olhos do Luiz Fernandes, porque na época só tinha o posto do Uaçá, hoje tem parece três ou quatro Postos lá no Oiapoque, na época só tinha o Posto Uaçá no Cruz (...), aí tinha as aldeias. No Marumã tinha aldeia do Curiti(?) e tinha a aldeia dos Palikur e dos índios Kaiowá. Mas aí passava tudo, os índios eram tudo atendidos lá no Posto Uaçá.

Quando o Darcy chegou aqui, a primeira vez ele foi lá no Canindé, parece que ele teve dificuldades, soube por alguém lá que o Malcher tinha mandado que eu fosse trabalhar com ele. O Malcher estava já no Rio, já era diretor, aí mandou que eu fosse trabalhar com ele, aí ele me mandou chamar lá no Uaçá e vim. Quando foi em janeiro Darcy foi ao Rio e voltou, aí que nós fomos trabalhar juntos em 51.

B- Quer dizer, o Darcy tinha ido lá no Canindé antes...

JC - Antes de mim, sim. Tanto é que ele chegou lá e encontrou uma epidemia de sarampo muito grande, e ele teve

dificuldades. Inclusive depois nós fomos corrigir um trabalho que ele tinha feito...

B- Como assim ? Dificuldade, como assim ?

JC - Intérprete, dificuldade de intérprete, porque a gente vai trabalhar, tem um intérprete, sabe que índio responde a pergunta de acordo como você faz, se você faz uma pergunta (...) quase que respondendo para ele, ele responde afirmativo e muitas vezes não é, então você tinha que formular a pergunta, e antropólogo é um negócio que pergunta muita coisa, e afinal o antropólogo que eu gostei de trabalhar, porque o Darcy foi o primeiro, têm muitos antropólogos que atrapalham a vida da gente, perseguem (...) Antonio Carlos. Aí eu fui trabalhar com o Darcy. Aí nós fomos nas aldeias todas, nós viajamos em 24 aldeias, nós passamos quatro meses. Eu fui do Gurupi ao rio Pindaré encontrar o Darcy e o Ruschel(?), esse Ruschel você ouviu falar ? Pois é, o (...) Ruschel veio para fazer tese, não sabia nada também, quase nada do português e botou no meio de índios, aí pior. Aí nós fizemos a viagem durante quatro meses, aí nós percorremos todas as aldeias (...) nessa aldeia porque os índios não queriam que nós fôssemos lá, mas puseram a maior dificuldade, era a aldeia (...) o índio que matou o Araújo no contato, logo que a primeira pessoa que fez contato com eles que era o João Araújo, os índios mataram, o índio Moropó. E como era para nós ir lá os índios colocaram uma dificuldade. Da aldeia do Juní(?), que era o capitão Ashimani(?), para lá do Orobó a gente passava na aldeia do Passarinho que era duas horas de viagem e depois mais hora e meia e chegava na aldeia do Morocore, que era índio (...) e o capitão era Morocore. E os índios não queriam "ih, tem muita serra, vocês não aguentam subir", falava e fazia aquele medo. Aí o Darcy disse "não, vamos lá". Aí estava só eu e Darcy e tínhamos um cozinheiro (...) trabalhador do SPI, era nosso cozinheiro, depois ele voltou, ele adoeceu, voltou, ficou só eu e o Darcy, só nós dois lá na aldeia. Para fazer de comer queimava, a gente ficava conversando sobre o trabalho dele e a gente esquecia da comida que estava no fogo e comia queimado. Aí nós fomos. (...) aí teve o Passarinho, que hoje ele ainda existe, Passarinho disse "eu vou com vocês". Aí a gente andava assim, era mesmo que, como eles dizem, que nós éramos mesmo que cão-cão(?), onde o cão-cão ia (...) A gente às vezes saía de uma aldeia com um, quando chegava já ia 10, 12 nos acompanhando. Aí nós fomos nessa aldeia do Morocore, lá os índios ficaram com muito medo e eu falava bem, relativo, aí nós conversamos, conversamos, acertamos tudo, ficamos lá quase duas semanas nessa aldeia onde nunca tinha ido ninguém, nós fomos os primeiros. O Darcy pode dizer que é o pioneiro(?) dessa viagem lá da aldeia do Morocore, onde justamente um índio matou, um índio que morava lá, matou o Araújo aí do Canindé.

B- Como foi esse caso ?

JC - A história que os índios me contaram, até quem me contou foi o capitão Caró(?), que esse Moropó tinha duas mulheres e a mulher dele, uma das mulheres teve febre, estava gestando. Ele foi lá no Canindé atrás de remédio, nesse tempo já tomavam remédio, não me lembro, 31, 32, não me recordo a data, e lá o Araújo não sabia, deu quinino, naquele tempo tomava para malária só quinino, eu tive malária... , ontem o Villas Boas estava lá com o Jô e falou que teve 200 malárias, 200 crises (...) falar de doença, fala de coisa boa, de coisa ruim a gente não fala. Falar, sei lá, para mim "quantas malárias tiveste ?", desde a idade de nove anos que eu tenho malária... Ele deu os medicamentos, deu quinino e ensinou mais ou menos como, o Inácio que era um nativo de lá, e ele explicou como era, na época ainda tinha um intérprete que foi o Caetano, um índio Tembê que teve contato com eles, o Caetano ensinou. Não sei se ensinou direito, sei que chegou lá e deu, a história que o Caró me contou, deu o remédio e a mulher abortou, o quinino matou a criança e ela abortou e morreu. E o Araújo falou, o Caró falou para esse Moropó, que morava na aldeia do Caró na época que ele não fosse fazer nada com o Araújo, que o Araújo era bom, aí ele ficou assim e depois "eu vou caçar", aí pegou as flechas e veio para matar. O Odilon Bandeira, na época tinha, era o Araújo e tinha três auxiliares, era o Mesquita, o Odilon Bandeira, três só com o Araújo. Ele trouxe quatro flechas só, chegou, o rio estava cheio e ele começou a buzinar, buzinar, que naquela época eles buzonavam, aí esse Caetano foi buscar. Chegou no Posto, ele não falou nada para ninguém, o índio chegou, o Araújo pegou as flechas dele, guardou, ele deu as flechas para o Araújo guardar e quando foi no dia seguinte, ele ficou esperando, aí estava só o Araújo, os outros não estavam, estavam no Vizeu(?), mas naquela época viajava de remo, eu ainda viajei, fiz essas viagens, então na época gastava nove dias do Vizeu ao Canindé de remo, subindo a remo. Aí quando foi mais ou menos 10 horas da manhã ele pediu as flechas para o Araújo e pegou o arco, o arco estava desarmado, mas aí, falta de experiência porque o índio não flecha com o arco desarmado, para armar tem que endurecer a corda bem para o arco ficar bem duro, retesado, se não erra, o arco com a corda mole a gente não acerta. E ele pegou, armou o arco e o pessoal todo lá, o Araújo foi tomar banho no rio, voltou, com uma toalha no pescoço, esse negócio do banho não foi o Caró que me contou, foi o pessoal do posto, o Caró me contou só a história da saída dele e como regressou. E ele pega, armou o arco, pegou as flechas, aí nessa ocasião o Araújo sentado numa cadeira assim, na ocasião ia passando um boi e aí ele disse para o Araújo "olha, Araújo, é assim que se mata anta", aí pegou, meteu a flecha no arco e puxou para cima assim, "é assim que se mata anta", aí quando o Araújo, o Araújo estava sentado assim, aí ele foi, só foi dobrar a flecha e soltou em cima do peito do Araújo e saiu

pulando e gritando, que Urubu quando jogava flecha assim fazia um barulho tremendo, esturrava e dava grito, dava grito, esturrava, saiu pulando, aí ele foi passando tinha um Timbira doente, o Timbira se levantou e ele flechou por cima da janela, por cima e o Timbira caiu morto também lá, aí ele saiu pulando com uma flecha, duas flechas no ar, saiu pulando, pulando e caiu na água abaixo do Canindé, rio cheio, ele caiu na água, aí atravessou, sabia nadar bem, os Urubu, como os índios Guajá, os Guajá nadam bem demais, caiu na água e atravessou, mas na hora que ele passou o (...) do Posto era todo cercado de arame farpado, ele cortou a testa no arame farpado e então ficou marcado. Desde esse dia ele nunca mais voltou. Aí chegou lá e não contou nada para os índios, ele passou três dias fora e o Caró, que era o capitão, perguntou o que ele estava fazendo, o Caró e... esqueci o nome do irmão do Caró que era capitão também, aí eles ficaram perguntando o que tinha feito, o que tinha feito, onde que ele estava, não chegou com caça, não chegou com nada, aí depois ele contou que tinha flechado o Araújo. Aí o Caró ficou com medo de vir com os outros índios porque ficou pensando que o pessoal estava com raiva deles e iam matar, aí os índios se afastaram bastante dias aí do Canindé, por causa da morte do Araújo, devido a morte da esposa dele. Quando eu cheguei no Canindé, naquele tempo ainda o Pedro Dantas, naquele tempo não era Canindé, era Pedro Dantas, cada vez que morria um índio de qualquer coisa na aldeia ou cobra que matasse, qualquer coisa, eles iam matar um branco porque eles achavam que uma morte tinha que morrer outra pessoa para equiparar a perda deles. Essa era a razão deles matarem o Araújo.

B- Mas como é que foi trabalhar com o Darci, como era o trabalho com ele? Foi só essa vez dos quatro meses ou teve mais outras vezes?

JC - Não, eu trabalhei com o Darci só esses quatro meses.

B- Como foi trabalhar com ele?

JC - Fazia o serviço de intérprete.

B- Ele não chegou a aprender a língua?

JC - Aprendeu alguma palavra, tanto que quando ele fala no telefone e "eh faé(?), como vai faé?", é só o que ele fala. Faé os índios chamam todo quanto é homem (... na língua!). Depois eu convidei o Darci para ser, nós ficamos amigos, nós se correspondemos todo o tempo com a dona Berta, aí ele foi padrinho de um filho meu. E nós ficamos nos correspondendo sempre.

B- Depois dessa fase do sr. aí como chefe de Posto, o sr. ficou todo o tempo como chefe de Posto lá e de vez em quando saindo para outros serviços, como era?

JC - Eu sai na época, eu sai quando estava como chefe de Posto para fazer uma ou duas averiguações na aldeia aqui na área do Tucaquí (?) e outra na área do Tocantins, duas vezes só que eu sai, já era o Chico Meirelles que era, na ocasião era o Chico Meirelles que era o chefe aqui da Inspetoria, então ele me chamava para verificar, chegava essas denúncias que tinha aparecido índio, que os índios estavam perseguindo, mas todas as vezes que eu fui não era índio, era coisa política.

B- Como assim ?

JC - É, pessoas que queriam derrubar o prefeito, aí faziam para, tinha a questão de terras também, já na época tinha, foi em 56 e 63. Aí quando foi em 1970, com a criação da Transamazônica, aí eu fui solicitado para fazer o contato com os Parakanã, antes mesmo da Transamazônica eu já tinha sido convidado para ir fazer uma averiguação que os Parakanã tinham aparecido novamente, porque os Parakanã desde 1936 que apareciam, tinha o Posto lá do Tucuruí, mas que os índios chegavam, saía e desapareciam e nunca mais voltavam. E com a criação da Transamazônica, mesmo antes da criação eu tinha sido convidado, mas aí ficava vai, não vai e quando foi em 70, 1970, em setembro eu já me desloquei para Tucuruí.

B- Quem que chamou o sr. nessa ocasião para fazer o trabalho para a Transamazônica ? Como é que foi ? Quem chamou o sr. ?

JC - Foi, na época era o gen. Ismarth, era coordenador.

B- Conta como é que foi, onde foi. Chamaram o sr. e falaram o quê ?

JC - Não, não falaram, passaram um rádio que eu viesse aqui a Belém, eu estava até de férias, cheguei em casa e tinha esse negócio, porque na época a gente já tirava férias, antes não tirava, aí já era a Funai e eu já estava gozando desse período de férias, porque antes não tinha férias. Eu vim a Belém, cheguei aqui e "é para você ir para os Parakanã, fazer contato com os Parakanã porque nós estamos ativando lá as frentes de trabalho e tu vais, tu fala bem a língua, talvez até vai dar certo fazer o contato com os Parakanã". No dia 9 de setembro de 1970 cheguei em Tucuruí e no dia 11 lá no Posto Tucuruí. Aí ficamos como o cel. Bloise, o cel. Bloise era o chefe lá da Base de Tucuruí, porque eu falava melhor a língua do que os outros, mas eu não sabia se os Parakanã ia falar a língua, sabia que era Lupi, mas fiquei como, a minha equipe ficou como uma equipe de apoio porque de repente os índios saíam e eu estava lá para acomodar(?) e fazer o contato. Mas acontece que ele soltou três equipes, três equipes de sertanistas, uma foi (...) Fontes, outra com um sertanista que eles fizeram na

hora, o Osmundo, e Mariano que era auxiliar de sertanista mas passaram a serianista, na época todas as pessoas que sabiam falar a língua eles colocaram no quadro de serianista. E aí estava o Afonso, o Raimundinho e tinha outros, que ainda estão até hoje é o Afonso e..., só o Afonso e o Camiranga, você já deve ter ouvido falar no Camiranga, falava bem a língua kaiapó. Eu fiquei até o dia 20 de novembro com a minha equipe lá, de setembro a novembro, com a minha equipe lá em Tucuruí. Aí quando surgiu a notícia dos Parakanã e eu sai com a minha equipe também para lá, e nós fomos, quando foi dia 29 de novembro fizemos o primeiro contato com os Parakanã.

B- De 70.

JC - De 70.

B- Quem que era da sua equipe, lembra, nessa época ?

JC - Me lembro. Me acompanhou o Osmundo, Genésio, Gerson, esses dois eram filhos do meu irmão, depois que eu fui, comecei a trabalhar, meu irmão foi convidado para trabalhar lá em Tucuruí, nesse Posto Tucuruí, e os filhos dele, com essa criação aí estavam contratando pessoas, e contrataram os dois filhos dele porque foram criados lá no meio do, não no meio dos índios, mas lá no Posto, porque na época que criaram o Posto diziam que era Parakanã que atacava, depois foi confirmado que não era Parakanã, era os Asurini, os Asurini que estão no Trocará. Era o Gerson, Genésio, nós éramos 9, atendente de enfermagem esse Nascimento nos acompanhou.

B- Essa era uma equipe que o sr. levou daqui ou formou lá ?

JC - Não, foi formada lá, daqui não levei ninguém. Depois que foram, era o Luiz Moreira (...) o Luiz Moreira e o Vergê...

B- Quando o sr. falou que o cel. Bloise soltou três equipes, era três equipes para os Parakanã ?

JC - Tudo para Parakanã, diversos pontos, um saiu para Tucuruí, subindo o Tucuruí, outro subiu todo o Cajazeiras e a outra subiu pelo rio..., como era o nome, subiu o Cajazeiras não, subiu pelo, é, uma subiu pelo Bacurí e outra...

B- Quem era essa ?

JC - A do Bacurí ? O Fontes foi pelo Tucuruí, o Osmundo pelo Cajazeiras e o Mariano foi pelo Bacurí.

B- E a sua ?

JC - A minha depois eu entrei pelo Lontra, nós fomos pelo Lontra. Nós estava com 9 dias nós encontramos os índios, então nós saímos, chegamos, pegamos logo vestígios e começamos a andar, andar até que quando foi dia 29 nós encontramos.

B- O que era vestígio ?

JC - Vestígio, quebrado, rastro, a gente chama vestígio isso, barraquinhas, acampamentos dos índios. Aí nós fomos e saímos num roçado, um roçado de pouco mais, mais ou menos uma tarefa, que a gente chama uma tarefa são 25, 50 metros quadrados, uns pezinhos de mandioca, já tinha mandioca, batata e pé de capim(?) que eles raspavam a cabeça com capim(?).

B- Como é que foi o contato ?

JC - Nós saímos, no primeiro dia nós acampamos, nós encontramos vestígio deles, encontramos a roça e aí acampamos. Fizemos o acampamento, não na roça, próximo à roça, e aí nós começamos a andar, vai um dia prá lá, vai outro, procurando. Encontramos outro acampamento, aí nós mudamos para outro acampamento mais novo, pernoitamos e aí deixamos o Marianinho que era esse Marianinho que foi daqui, Mariano Noronha, esse foi daqui, o Nascimento, o índio Urubu Caetano, o Marquinho(?) com a mulher, uma índia também que foi, foi uma índia no grupo, uma indiazinha (...), mas era mulher desse Marquinho que a gente pensa que Marquinho é nome de branco, mas não é, Marquinho é (...) que aqui o pessoal chama de Suã(?), ele chama Marquinhos. Deixamos eles lá e pegamos os vestígios (...) um caminho assim aí viajamos, viajamos até, dormimos no mato, no dia seguinte nós prosseguimos e aí vimos que os índios, aí encontramos rastros que tinham voltado, aí nós pegamos os rastros e viemos. Só dois índios andando, dois índios assim, nós vimos os rastros e quando foi duas horas da tarde nós nos aproximamos dos índios. Ouvimos barulho, aí escondemos todas as armas, depois que escondemos as armas nós saímos (...) pelo barulho, eles estavam cortando, fazendo acampamento e aí nós nos aproximamos, cada um pegou um brinde, e fomos. Quando chegamos próximo, aí nós gritamos, quando gritamos eles se calaram tudo, tinha criança chorando, chegamos assim um pouco mais de 50 metros deles, aí nós paramos, na ocasião nós já levamos um índio Asurini, que tinha nos acompanhado, que era o intérprete, agora me lembro bem das coisas. Eu e o Os mundo, tinha o atendente de enfermagem o Quintino, o índio Tombé Nelson, o índio Urubu, não, Nelson, aí o índio Asurini (...), o Genésio que era meu sobrinho, nós éramos 9. Então nós chegamos e paramos assim e tinha esse índio Asurini, era Apuí(?) o nome dele, aí nós gritamos e os índios se calaram, depois os índios gritaram, gritaram e correram, parecia um bando de loucos, com as flechas na mão assim, "vamos matar vocês aí, que vocês estão fazendo aqui ? Quem é que está

falando?", nós falando a língua, "quem está falando", porque o Parakanã estava dividido em três grupos mas todos inimigos uns dos outros, conversavam mas depois se matavam. Tinha um irmão do capitão lá, do Araquitá, que era o Txucanci(?) que era mau, que era uma coisa demais, eles tinham raiva dele, o próprio irmão tinha raiva dele, e nós, aí vieram tudo armado, chegaram próximo assim 15, 20 metros, chegaram tudo de arco, de flecha no arco assim, "que vocês querem aqui, vão embora, desaparecem", aí eu comecei a falar, aí os índios, os dois intérpretes ficaram calados, o daqui do Gurupi, aquele Tembê disse que ficou com um nó na garganta e não acertou mais falar nada, o Apuí só fez, a única palavra "vai já ter pau", a única palavra que ele disse, quando os índios gritaram ele disse "vai já ter pau" e correu, no que ele correu o Osmundo segurou porque nós estava ficando tudo assim em linha, o Osmundo segurou, ele escapuliu do Osmundo, passou por mim, "não, tu fica aqui, prá onde você vai, você que sabe falar", mas ele não falou uma palavra. Aí nós ficamos falando eu, tinha só eu e... não estava falando nada, mas eles entenderam alguma coisa. Eu falei que nós não queríamos brigar e nós estávamos desarmados, que eles desarmassem as flechas que nós tínhamos presentes para eles, nós tínhamos machados, facas, terçados, tinha rede, nós tínhamos levado assim nas mãos. Aí arriaram as flechas e vieram assim mais próximos, tinha um índio, Kalkutê(?), eu não sabia o nome dele, depois ele falou, Kalkutê, que era filho do Ariquitá, falou assim "joga".

B- Falou como, na língua ?

JC- Joga, "nomora"(?), ele disse prá mim "é nomora (...)", prá jogar para eles e eu falei (... na língua !), "vem pegar aqui na nossa mão" (... na língua), e eles vieram. Depois de muita luta, vieram. Aí pegaram, nós demos os presentes para eles, inclusive chegou depois um índio cego(?), era o chefe mesmo, o pajé, chegou, não tinha mais nada, eu tirei o terçado da cintura e dei prá ele. Aí conversamos, conversamos, aí o Osmundo me disse assim "diz prá ele, agora que você já está falando, diz para eles" - o Osmundo não sabia falar nada - "diz para eles que nós estamos armando as redes e nós vamos ficar com eles". Eu (...) e falei, disse "não, vão embora, o caminho por onde vocês vieram vão embora", aí eu disse pro Osmundo "não, que as mulheres deles tinham medo", (...) eu entendi quando eles falaram em criança, porque ele chamaram aratê(?) mulher, esposa, eu estava acostumado, Urubu chama araquerrara(?) ou então (...), e eles chamaram aratê(?), eu fiquei assim sem saber o que era aratê, alguma tia, alguma parente tinha medo e que as crianças também tinham medo e nós não podíamos ficar lá, e que agora eles iam nos matar mesmo, eles pegaram as flechas. Aí o Osmundo disse "fala prá eles, fala porque se eu tivesse falado eu ia ficar aqui", eu disse "porque tu não fica? Se tu soubesse falar era o primeiro a sair daqui, se tu entendesse o que eles estavam dizendo, era o primeiro a

sair porque eles estão dizendo que agora eles nos matam, que não vai sair nenhum daqui vivo". Aí nós fomos embora, eles nos acompanharam, nos acompanharam até bastante longe. Mas dentro de nossa ausência lá do nosso acampamento o (...) saiu lá e pegou toda a farinha que nós tinha, ele chegou lá com o Caelano que tinha ficado, o índio Urubu, e pegou toda a farinha que nós tínhamos, tudo que nós tínhamos lá no acampamento ele pegou, pegou, passou e raspou tudo. E nós não estávamos sabendo. Aí eu marquei com eles "olha, vocês daqui a cinco dias vão nos encontrar", "onde?", eu disse "na roça, vocês não têm um roçado de mandioca?", "temos", "então vocês vão lá que nós estamos lá esperando, nós vamos ficar lá agora". Aí nós fomos embora. Quando nós chegamos no acampamento nós vimos, soubemos que eles tinham ido, tinham levado tudo nosso, (...) aí, nesse dia mesmo, nós pernoitamos lá, dormimos no chão porque a rede que nós tínhamos eles tinham levado, nós deitamos no chão, no dia seguinte nós fomos pro outro acampamento que nós tinha lá, onde tinha ficado o resto do pessoal que era lá na roça deles e esses cinco dias duraram 20 dias, 23 dias, eles só foram aparecer em dezembro. Não sei como foi que avisou, que aí era o major Bahia que era o chefe aqui, o cel. Bloise, e arranjaram uns helicópteros, e foi dia 23 de dezembro eles foram, dia 22 de dezembro eles foram para lá, chegaram quando chegou um helicóptero com repórter, com cinegrafista daqui de Belém, o diretor da Vale do Rio Doce que era Meridional, um americano com duas filhas, chegaram lá de helicóptero, e eu "o que vocês vieram fazer aqui?", "mas os índios não estão aqui?", "que história de índio, não tem nenhum índio aqui, quem avisou isso?". Ficaram lá nesse dia, quando foi pela manhã, eles iam voltar à tarde o helicóptero apresentou defeito e eles ficaram, pernoitaram lá. Quando foi pela manhã, esse Nascimento saiu para juntar castanha, quando nós vimos, o pessoal todo lá, toda a equipe lá, o cinegrafista, quando nós vimos aí os índios gritaram, aí eu disse para o major Bahia "major Bahia, são os índios", "que nada, os índios nada", "são os índios, então não conheço grito de índio? Você já viu os índios querendo nos matar, eles vem gritando aí". Aí eles tinham encontrado o Nascimento, mas eles passaram pelo Nascimento e correram no nosso rumo, como nós tínhamos combinado. Aí chegaram, o pessoal estava lá, filmaram, bateram fotografias, levaram tudo o que nós tínhamos, inclusive rede, comida, açúcar, café, o que nós tínhamos eles levaram e chegaram no caminho rasgaram, jogaram fora o que não servia para eles, sal, e nós ficamos nesse dia sem nada, foi o segundo encontro que nós tivemos com os Parakanã.

Daí prá frente nós tivemos contato assim diário com eles, até quando foi em abril de 71, eles se afastaram mesmo, eles vieram, saíram e encontraram com esse Kenediu(?), tiveram uma briga violenta, acabaram morrendo uns cinco ou seis índios, não sei se foi na briga, não sei como foi que morreram, nunca me disseram. Nós ficamos preocupados com eles que não vinham, aí um dia eu sai com o índio Tembê

Lourival e nós fomos até próximo e eu encontrei duas sepulturas, porque eles enterram sentado, mas essas sepulturas estavam feito um jirau em cima quase no tipo, no modelo dos Urubu, que os Urubu enterravam, enterram ainda hoje. Aí eu falei, eu estava só com esse índio, então tinham me falado que levasse banana porque eles não tinham banana, aí nós mandamos comprar banana em Tucuruí e levamos, nós fomos levando para encontrar com eles. Quando eu vi as sepulturas, eu falei pro Lourival "olha, Lourival, tu sabes, tu és índio, e se fosse índio Urubu que nós encontrasse duas sepulturas assim na hora que os índios encontrassem nós ia morrer, vamos embora voltar porque não está certo esse negócio", aí nós voltamos. Voltamos, no dia os índios vieram e viram o nosso vestígio. No dia seguinte eles vieram, chegaram até um pouco aborrecidos, aí nós distribuimos brindes, aí todo mundo queria flechar o índio, o Tumancuera(?) (...) pegou ele, aí nós já sabíamos o nome deles, aí o Kalputiri(?) levou, acabou indo lá pro mato, isso já foi em abril.

B- Agora, nesse dia em dezembro que o sr. contou que os jornalistas estavam lá, é nesse dia que foram feitos, por exemplo, eu me lembro de ter visto uma vez umas fotos em que, eu não me lembro do sr., mas o cel. Bloise pelo menos estavam pintados...

JC - Não, foi depois, depois de abril.

B- Eles estiveram uma outra ocasião ?

JC - ... já estavam saindo...

B- Esse dia 23 de dezembro, quem estava lá, quem que registrou isso, quem tem essas imagens ?

JC - Olha, quem tem essas imagens é um repórter aqui da... tinha um da Veja, mas esse era só fotógrafo, tinha um cinegrafista que estava lá que era da Marajoara, eu não sei bem o nome dele, e as meninas que estavam lá, tinha até uma antropóloga filha do (...), era o gerente, o diretor da...

B- Da Vale ?

JC - Que é Vale agora, era Meridional, ele era diretor da Meridional, na época ainda era americano, estavam aí na serra dos Carajás. Esse dia, depois que eles saíram, eles pediram o helicóptero grande para levar todo mundo para sair, aí veio o mecânico, consertou o outro e saíram, já dia 25, dia de Natal.

B- Aí teve essa ocasião em abril ?

JC - Teve, essa ocasião em abril, outra ocasião. Mas dessa época em diante de dezembro, eles começaram a vir

normalmente, diariamente, às vezes de dois em dois dias, eles vinham buscar farinha, levavam sempre alguma coisa porque a roça deles era muito pequenina. Quando foi em abril que eles se afastaram.

B- Deu essa briga com outro grupo.

JC - Deu essa briga com o outro grupo, essa briga com o tal de Kenediú(?), e depois esse Kenediú, aí tem o Nhambiquara era o outro capitão deles, de outro grupo, um dia ele conversando com o Araquitá pelo rádio, que era irmão do Kenediú, ele disse prá ele "olha, eu matei teu irmão", e ele disse "tu tá zangado?", e ele disse "não, meu irmão era muito ruim, tinha que morrer, se você não matasse eu ia matar", isso era depois. De abril em diante, eles começaram a vir normalmente, diariamente, até vieram, mudaram o acampamento já mais para próximo, aí pegaram uma epidemia de diarreia, morreu uma porção de crianças e eu fiquei com esses índios até dezembro de 71. Quando foi em dezembro de 71, o cel. Bloise foi transferido para Malo Grosso e eu fiquei como chefe da Base, da Base de Tucuruí, até junho do mesmo ano, 71, deve ser 72, porque eu passei 71 todo lá no Parakanã. Foi o tempo que eu fiquei junto com o Parakanã foi na época do contato até dezembro de 71. Aí depois eu ia lá esporadicamente só.

B- E esse episódio dessa falmagem que eu vi que aparece vocês pintados.

JC - Ah, foi do Cruzeiro, a revista Cruzeiro foi lá.

B- Quando foi?

JC - Foi mais ou menos...

B- Porque eu me lembro de ter visto essas fotos... eu me lembro de ter visto uma cena filmada, o filme foi feito por um inglês chamado Adriano, Adrian Cowell, que aparece a cena num acampamento, os Parakanã vem, pegam coisas, correm, escondem e tal, numa aldeia Parakanã que aparecia, pegam coisas, eles escondem essas coisas ... roupa, tal, uma brincadeira ...

JC - ... fizemos o primeiro contato faltou, depois que nós fizemos o contato, demos os presentes, aí vamos dançar uma dança do macaco, aí dançamos, dançamos, todo mundo, até que eles disseram "bem, agora nós vamos embora, agora vocês vão embora", foi quando eles mandaram nós embora, depois que nós dançamos a dança do macaco, todo mundo pulando, pulando, pulando, os Parakanã pula muito. Aí nós dançamos e aí que eles mandaram nós embora, depois da dança.

B- Dessa vez não tinha ninguém de fora.

JC - Não, dessa vez não tinha ninguém filmando. Nessa vez, lá no acampamento, quando estava os americanos, estava o cel. Bloise, estava o cel. Bahia, major Bahia na época, eles dançaram muito, eles ficam dançando com a gente e os outros ficam tirando (...)

B- Mas o sr. não lembra uma outra vez, essa vez com uma outra equipe de um inglês ?

JC - Não.

B- E essa revista O Cruzeiro quando foi, o sr. lembra ?

JC - Foi em setembro, já de 72. Não, foi nesse mesmo ano, foi.

B- 71 ?

JC - 71, porque o cel. Bloise ainda estava lá, foi em 71. Nessa época eu estava de folga, peguei cinco dias de folga para ir lá em casa, minha família morava em Vizeu, lá no rio Buriti, e eu pegava assim, passava três meses lá, tinha três dias para ficar em casa, eu não tinha folga.

B- Você já viu umas fotos, que às vezes as pessoas que não sabem da história perguntam, eles não sabem explicar, talvez o sr. possa explicar, uma foto que aparece o cel. Bloise abraçado com um Parakanã com uma espingarda...

JC- Tem um que diz, até na foto, diz assim que eu estava ensinando o índio a atirar, porque aquilo não foi, o índio pegou a espingarda, o Chaiuma(?), pegou a espingarda e eu estava dizendo, peguei a espingarda assim por trás e disse para ele que aquilo não prestava, aquilo matava gente, eu estava dizendo para ele isso, eles dizem que eu estava ensinando, peguei a espingarda por trás para evitar que ele fosse para o lado da boca da espingarda, ele segurou do lado e eu segurei a espingarda por trás. Mas o que eu estava dizendo para ele é que aquilo era perigoso, que ninguém podia estar na frente dele, que ele largasse a espingarda que queria guardar, ele pegou a espingarda pendurada lá, um dos nossos deixaram a espingarda e o índio pegou, esse Chaiuma, eles escreveram na revista que eu estava ensinando o índio a atirar, mas que (...) ia lá ensinar índio a atirar, índio é perigoso demais, as pessoas que sabem...

B- Vocês não davam a espingarda ?

JC - Não.

B- Depois o sr. foi ficar então chefe da Base lá de Tucuruí.

JC - Eu fiquei seis meses.

B- E aí ficou visitando os Parakanã ?

JC - O tempo que eu estava lá eu só fazia coordenar o serviço, ainda tinha a Frente do Cajazeiras, os índios estavam, o pessoal nosso estava lá com os índios e nessa época teve uma falta de recursos tremenda, eles foram em maio e levaram alguma coisa. Aí deram para os índios, o grupo de índios era de mais ou menos 400 índios naquela época, só lá no Cajazeiras, era índio demais. Depois que teve aquele massacre lá do Xicrin que ninguém sabe quantos que morreram, mas disse que foi 16 que apareceu, 16 ossadas que apareceram lá, e os que foram baleados ? O grupo era grande, e depois fizeram outro grupo, um que o Fiorello encontrou, que eu fui até com o Luiz Moreira e (...), o presidente era o Nobre da Veiga, o Nobre da Veiga falou "tu não vai contatar índios porque tu vais...", aí tinha a prioridade dos Arara, que tinha que dar prioridade para aqueles índios, o Sidney prometeu contatar os Arara em 45 dias e eu ia contatar os Parakanã no máximo em 20 dias, tinha mais Parakanã, aí o Sidney se meteu no meio, tinha mais prestígio do que eu e eu não fui. Aí o Nobre da Veiga falou "não vou te mandar pro do mato porque depois chega lá, faz o contato com os índios, como é que nós vamos te manter lá no meio do mato com esse grupo de índios", porque o grupo de índios era grande. Eu cheguei a ver 65 barracas, o grupo de índios era grande, acampamento com 65 barracas era grande, não é ?

B - Lá no Cajazeiras ?

JC - Acima do rio Anapú.

B- Como é que o sr. avalia o trabalho de contato, o que é que aconteceu com os Parakanã ? Porque os Parakanã diminuíram muito a população.

JC - Eles diminuíram.

B- Como é que o sr. avalia ?

JC - Sabe, todo contato nosso a gente sempre, por mais que as pessoas estejam aparentemente sadias, nós sempre temos os vírus que eles não tem anticorpos para resistir. Então o que acontece é isso, por mais que a gente faça, os cuidados que agora nós estamos tendo, porque depois daquele encontro de sertanistas, nós tivemos um encontro de sertanistas em Brasília, aí nós fizemos...

B- Quando foi esse encontro ?

JC - Em 86, tivemos esse encontro em Brasília, aliás foi o primeiro e acho que o último, que todos os sertanistas que nós reunimos de asfalto e de campo, essas coisas, eram 18, incluindo o Sidney.

B- Quer dizer, com todo o cuidado que se tinha ainda...

JC - Pois é, com todo o cuidado que a gente tem de fazer o trabalho, esses índios que nós contatamos agora, eles pegaram gripe, nós não tivemos o cuidado necessário, inclusive, o meu relatório, pegaram meu relatório lá, aí o Fiorello, que é o chefe, Fiorello é o chefe dos sertanistas aqui, você conhece o Fiorello, não conhece ?, então, consentiu fazer um negócio desse. Mas lá tinha que ser feito o contato com os índios porque os índios estavam encurralados, esses que nós fizemos o contato, embora a gente soubesse onde eles estavam, mas não foi tomado os cuidados necessários, a vacinação, porque tinha que ser como foi feito agora depois que os (...) os índios Poturu começaram a morrer é que foram fazer a vacinação.

B- Agora, naquela ... é, é uma cópia, vou te mandar. Eles montam o filme, o filme foi montado, de vez em quando entram as fotos da Manchete, é uma montagem. Mas tem uma cena, vocês andando no mato, aqueles tupiris... aí chega numa aldeia e tem uma cena dos índios indo pegar os brindes e correr, esconder atrás do pau da casa...

JC - Não foi no Apiterewa, não ?

B- Não foi, é de 71. Apiterewa foi muito depois, Apiterewa foi de 80, não foi ?

JC - Foi, 82.

B- Foi rodado em 71, tem um filme que chama "Guerra de Pacificação na Amazônia", várias cenas, vários lugares.

JC - Em 72 foram os Parakanã que agora estão no Marudjevara(?), lá no Cajazeiras. Em 76 eu fiz outro contato no (...), 76, esse aí eu andei no mato que não foi brincadeira. Eu saí no dia 15 de setembro para encontrar os índios no dia 12 de janeiro.

B- Eu queria voltar um pouco. O sr. estava dizendo que por mais que se tome cuidado, etc, tem sempre o problema de contaminação deles. Naquela época lá que o pessoal chamou você aqui e promoveu uma série de pessoas a sertanista lá na Transamazônica, eu queria só entender melhor, houve uma reunião grande explicando o projeto da estrada, como era o clima daquela época assim, tinha que atrair os índios logo, como é que foi essa conversa ?

JC - Veio o ...

B- Foi direto com o Ismarth ? Teve outras pessoas ?

JC - Veio o secretário lá do Ismarth, o Ismarth era o coordenador da Transamazônica, veio o, como era o nome dele, Buck(?), dr. Buck, então esse veio para fazer uma reunião, reuniu, só que não tinha na nossa equipe sertanista, tinha bem poucos que tinha uma noção assim de como deveria ser feito, os outros, não sei se eu tinha também alguma noção mas eu tinha mais contato com os índios, tinha sempre trabalhado com índio sempre isolado como era o Urubu, índio semi-isolado...

B- O que o Buck falou nessa reunião, o sr. lembra? Qual que era a idéia?

JC - O que ele queria era que a gente fizesse o contato para evitar atritos entre o pessoal da estrada, engenheiros, o pessoal das firmas que estavam abrindo a estrada e os índios. Até que uma vez quando eu sai, uma vez até que aconteceu os índios saírem depois que pegaram aquela doença todinha, Parakanã até então não tinham tido doença, quando eles saíram no repartimento, o grupo de índios saiu porque nós estávamos lá no nosso acampamento, aí os índios começaram a dizer que outro grupo estava aí, estava aí encostado e que eles estavam para ser atacados e que precisava que nós fossemos lá para matar os outros, os índios chegaram falando isso, todo mundo. E eu vim aí, por isso eu vim na Base, aí o cel. Bloise mandou que eu fizesse, deixasse lá um auxiliar, o pessoal, outra equipe, e que eu entrasse pelo Bacajá para encontrar, para ver, se eu entrasse, ele não disse por onde eu ia, mas como os índios tinham dito que eram os índios do Bacajá, onde estava esse Kenediú que era esse que comandava o grupo todo, eles todo dia estavam dizendo "olha, nós vamos receber os índios aqui, os índios vão chegar e nos matar", então eu falei com o cel. Bloise porque eu estava numa situação, você já pensou?, eu estava no acampamento com os índios e os outros chegarem brigando e a gente ter que ir a favor de quem? A gente ficava numa situação difícil. Então falei pro cel. Bloise que essa seria, uma das alternativas era eu fazer uma equipe, preparar uma equipe e entrar para encontrar os índios desse grupo que eles estavam dizendo que estava próximo. Então nós viemos, adentramos pelo Bacajá, pelo Bacajazinho, quando nós já estávamos com dez dias dentro da mata, eu levei um radinho, radiozinho mesmo comum, que eu ouvia mensagem, eu não ouvi mensagem, ouvi noticiário, era um radiozinho pequeno assim, e nós estávamos uma noite quando ouvi uma mensagem do cel. Nogueira, que era o chefe aqui, que eu viesse urgente, voltasse à Base, porque os índios tinham saído no repartimento. Deixaram todo mundo apavorado, levaram as coisas do pessoal, foi nessa ocasião que eles levaram muita roupa e eu acho que levaram alguma roupa de pessoas doentes, nessas firmas assim tem muita gente de toda a qualidade, e eu acho que eles levaram alguma coisa e se meteram naquela poeira de máquina trabalhando, eles metidos no meio, eles pegaram uma doença feia.

Pegaram aquela, antigamente era dordolho agora é conjuntivite, pegaram conjuntivite da maior, a gente tem índio cego disso, de conjuntivite, porque a conjuntivite para nós não é perigosa, mas para o índio é, você deve saber. Se você leu algum relatório meu, leu algum diário dos Araweté donde eu falo daquela mortandade...

B- Vamos falar depois.

JC - Eles pegaram conjuntivite e ficaram, aí o cel. Bloise mandou me chamar, que eu viesse para evitar que os índios voltassem para o repartimento, porque aí eles tinham já uma fé que eu dominava os índios, conversava com os índios e avaliava que eles fizessem certas coisas que eram ruins, eu explicava para eles, já falava mais ou menos o Parakanã. No dia que eu cheguei, no outro dia, eu cheguei à tarde, quando foi de manhã chegou um índio, o Bacharoá(?) dizendo assim para mim "manda buscar meu pai que ele está com febre, ele não anda", e ele chegou assim com a mão assim nos olhos, com uma conjuntivite tremenda, os olhos estava aquela poeira de sangue, aí nós colocamos remédio e mandamos o enfermeiro lá ver a situação, eles estavam na beira do Tucuruí, lá em cima, próximo agora onde eles estão localizados, eles estavam lá. Mandei o enfermeiro lá, chegou lá estava todo mundo com conjuntivite.

B- Você tinha remédio ?

JC - Nós tínhamos colírio lá, tinha só colírio, pomada, a gente coloca uma vez, melhora um pouquinho, não fica curado. Esse ficou bom, ficaram bons, mas essa índia, no rio tem uma índia cega, no Parakanã, essa índia eu cansei de ver ela pedindo para uma netinha assim de mais ou menos seis anos, ela dizia assim "faz ponta num talo de coco de babacú, faz ponta aí e tira que tem espinho nos meus olhos", aí a menina pegava, abria os olhos dela assim e ficava com um talo de coco tirando, porque conjuntivite parece um espinho, não é ? Ela dizia "é espinho que tem nos meus olhos" e ela dizia assim, aí levou para o mato, não teve o tratamento necessário e os olhos estouraram. Aí nós fomos e não encontramos os índios, porque mandaram me chamar, nós já estávamos indo, nós já tínhamos chegado no acampamento dos índios, desses que eles diziam que era do grupo do Kenediú, nós já estávamos no acampamento deles, já tínhamos passado por dois acampamentos, já tínhamos encontrado vestígios deles lá em cima no Tucuruí, porque nós saímos pelo Bacajá, do Bacajá nós entramos, fomos até sair no Tucuruí, pegamos o vestígio, quando a gente pega o vestígio vai embora no rastro dos índios, às vezes pelo quebrado, a gente entra no mato, tem um quebradinho, a gente segue por ali. Quando eles mandaram me chamar, os índios saíram e foi dessa vez que pegaram conjuntivite e essa foi a doença pior que os Parakanã pegaram, essa aí acabou.

B- Agora, o pessoal achava, o chefe aqui de Belém ou lá da Base, achava que vocês controlavam a situação, mas isso era real? Como era, porque era difícil, vários grupos.

JC- Controlava como?

B- O sr. está na Base, lá com índios, mas tem outros grupos que estão no mato, sem contato ainda. Quer dizer, essa saída dos índios para a estrada, por exemplo, vocês tinham como controlar isso?

JC - Eu acho que sim.

B- Mas o que foi que aconteceu?

JC - Porque antes de eles saírem eles avisavam nós e a gente podia evitar deles saírem.

B- Por que não evitou?

JC- A pessoa que ficou lá não tinha a experiência necessária, o suficiente para evitar, deixou os índios saírem.

B- Quem que era o responsável lá?

JC - Quem estava naquela época lá era o Reinaldo, ele era auxiliar só de serviço, tinha ficado lá mas a mando do chefe da Base, porque o chefe da Base bem, só tem um sertanista, então o sertanista vai atrás de outro grupo que está ameaçando esse aí, nós já sabíamos onde eles se encontravam, já tinha tido atrito antes e tinha morrido alguns. Para evitar, chegava lá e com certeza nós faríamos o contato.

B- Mas o pessoal fala que nessa saída dos Parakanã na Transamazônica houve um contato próximo com os trabalhadores, isso é certo? Que tipo de contato foi?

JC - Não, eles entraram no acampamento, entraram e saíram no mesmo dia, não teve demora não, eles dez para onze horas da manhã e limpavam tudo que puderam carregar, carregaram e foram embora para o mato.

B- Eu já ouvi dizer que houve relação sexual de trabalhador com índio...

JC - Negativo, negativo, negativo, isso nunca. Só se o camarada pegou alguma índia à força no mato, mas eles não deixavam, todo mundo armado, não deixa fazer isso. Também esse pessoal tem uma idéia muito...

B- Vamos sair do Parakanã um pouco. Daí você veio para a chefia da Base, etc, e aí nesse período que vai de 72 até 76

quando foi o contato com o Araweté, entre 72 e 76 o que o sr. fez ?

JC - Eu fiquei na Base na época, até julho de 72. Quando foi julho de 72 Brasília mandou para chefiar a Base Adolfo Killer(?), então o Afonso ficou aí e eu fui pro Cajazeiras, aí eu já fui pro Cajazeiras. Fiquei no Cajazeiras, fui transferido por (...) para a equipe de contato lá, naquele tempo pacificação. No Cajazeiras eu fiquei 72 até dezembro de 73. Em 73 eu voltei para chefiar a Base novamente, de dezembro a julho, estava sempre só nessa época, o Killer foi transferido para Roraima, ele foi para lá e eu fiquei seis meses, aí veio o Emílio de Oliveira, como não tinha recursos, eu fui para o terceiro acampamento, que era lá na estrada onde os índios Parakanã andavam. Quando foi 73, 74, quando foi em 75 eu, nesse interim eu fiz algumas viagens para os Caviões, mas era viagenszinha pequena. Quando foi em 75 surgiu o boato que os índios tinham saído, que os índios Parakanã tinham saído no rio Anapú. Aí eu formo uma equipe e saio para o rio Anapú, setembro, sai aí da Base no dia 15 de setembro de 75, aí nós ficamos mais o ano de 75 todo no mato, no vestígio dos índios Parakanã, a gente seguiu, eram os índios mesmo que tinham aparecido, um grupo de 52 índios. Eu fiquei esse todinho, quando foi em janeiro, no dia 12 de janeiro eu encontrei o grupo, esses 52 índios. Aí nós fizemos um primeiro encontro assim, é aquele negócio mala, não mata, mas logo eles nos reconheceram porque eles tinham nos visto no rio Cajazeiras, tínhamos encontrado com eles no rio Cajazeiras, porque um dia eu ia subindo o rio Cajazeiras, aí encontro com um grupo de Parakanã no meio da viagem, no rio, nós vimos, eles levaram, nós demos o que nós tínhamos que dar, o que não devíamos nós escondemos e depois nós fomos para o Cajazeiras, fomos lá, abrimos uma roça e fizemos um posto assim de contato para a aproximação dos Parakanã. Só que eles de lá, eles nunca mais voltaram. E depois nós fomos saber que o pessoal tinha dado uns tiros neles, lá, os colonos da beira do rio, tinham mexido nas coisas deles e eles andaram atirando neles, parece que não mataram ninguém. Aí fiquei no rio Cajazeiras até 76, de 75 até fevereiro de 76, os índios não apareceram, nós deixamos a roça e tudo lá e fizemos ainda...

B: Fevereiro de 76 ?

JC- 75. Fizemos algumas penetrações para ver se havia vestígios, não encontramos nada, voltamos e aí tiramos a equipe toda e aí viemos para o terceiro acampamento. Quando foi em setembro apareceu esse grupo de índios, aí dia 15 eu fui para o rio Anapú. Setembro, o mês de setembro, outubro, novembro, dezembro, depois eu subi o rio Anapú, eu vi que os índios não estavam aí, estavam na cabeceira do Anapú, subi o rio Anapú, no dia 2 de janeiro de 76 encontrei o grupo, encontramos, fizemos o contato e marcamos também, tinha o negócio de marcar encontro, marcamos um encontro lá mesmo no

mato, e no dia que nós marcamos, quando nós fomos, encontramos os índios já vindo, eles vindo por nossa batida. Aí nós ficamos lá conversando com eles umas duas horas e eles disseram "não, nós vamos contigo, nós vamos conhecer tua casa, tu já foi na nossa", só que no dia que nós encontramos com eles, eles não estavam nas casas, eles estavam no mato andando, nós encontramos com o grupo, eles eram 50, mas nós encontramos com 12 índios só. Lá eles falaram conosco, pegaram nossa bagagem, nossa rede, tudo o que tínhamos e na ocasião os índios falaram para mim "olha, tu não vai hoje", porque nós tínhamos morto dois mutum e tinha pelado e deixado assim pendurado, eles disseram "tu vai ficar lá onde está o teu mutum, tu come", eu disse "mas você me levaram a farinha toda!", ele disse "mas eu te dou um bocadinho da farinha", eles nos deram um pouco de farinha, disse "não, vocês vão dormir lá, vocês não vão embora hoje", era uma ordem, não era um pedido, eram uma ordem "vocês não vão, nós vamos ficar espiando vocês". E a gente não vai, a gente obedece, nessas ocasiões a gente obedece.

B- Por que ?

JC - Porque de repente ele está (...) você está desobedecendo, vocês não são mais, eles cansam de dizer assim "vocês prometem uma coisa, vocês não têm palavra", tem que ter uma palavra, pelo menos com os índios a gente tem que ter, tem que manter assim uma seriedade. Aí nós dormimos lá, tivemos que dormir no chão, quando foi de manhã nós viemos e com três dias nós voltamos, de acordo como nós tínhamos combinado, encontramos no caminho e aí eles já vieram para o nosso acampamento e eu passei mais um mês, eu fiquei até fevereiro, fim de fevereiro, com eles. Aí vim para Belém, eu já estava desde setembro assim longe de casa, pedi, passei um rádio, porque lá nós tínhamos um rádio, aí eu pedi, passei um rádio para Belém pedindo permissão para sair porque o pessoal que estava lá era competente. Estava o Genésio, o Gerson, dois camaradas muito bons, o Genésio, o Gerson fala muito bem o Parakanã, que é o chefe lá no Apiterewa...

B- Eu estive lá.

JC - Esse é meu sobrinho, fala bem o Parakanã, é um cara legal o Gerson.

B- Ele estava até meio aflito com as madeireiras lá. (...) por volta de 75...

JC - Exatamente, o contato com os Parakanã do Anapú, esse grupo lá. Eu pedi permissão para vir a Belém, quando eu cheguei em Belém, cheguei aqui em Belém, no dia seguinte eu fui na Funai, mais ou menos dia 12 de fevereiro, foi aniversário da minha mulher no dia 16 de fevereiro, aí chego

lá na Funai, o cel. Nogueira é o chefe daqui, eu cheguei lá, falei com ele, ele estava com um jornal e disse assim "lê esse jornal aqui", e eu li o jornal, ataque de índios no município de Prainha (...), e ele "e aí?", eu disse "que eu tenho que ver com isso, cel?", ele disse "não, eu estou te mostrando porque tu vai para lá verificar isso", eu disse "como, se eu estou acabando de chegar, passar 5 meses no mato, dá uma semana de folga aqui", "não, tu vai depois nós conversa". Quando foi dia 14, eu fui para Prainha, tinha aparecido um grupo de índios lá, que esses índios até era aqueles índios lá do Kararaô, eu achei que era índio Kararaô, era índio Jê e eu fiz uma verificação lá, eles apareceram lá mas correram, e eu fiz um relatório e pedi ao cel. Nogueira que fosse um sertanista para lá que soubesse falar o Jê, porque era índio Jê e eu não sei falar o Jê, eu compreendo algumas palavras mas eu não sei falar Jê, a língua Jê, e eu pedi ao cel. que ele mandasse um sertanista para lá. Quando foi dia 18, não, depois do dia 18, eu quando passei em Altamira, aí eu vim de avião, fui para Santarém, de Santarém eu vim de avião, quando eu chego em Altamira aí está a notícia que os Arara tinham morto, mataram aqueles funcionários da CPRM(?), geólogos, a CPRM, eu passei em Altamira estava a notícia, eles tinham chegado porque os Arara tinham morto. Aí eu vim para Belém, cheguei em Belém aí o cel. Nogueira disse "você vai fazer uma vistoria lá na área, ver como está". Eu fui, quando foi em março eu vim, aí passei aqui uns 20 dias e março eu fui para Altamira, de Altamira formamos uma equipe, era só eu, eu contratei, o cel. Nogueira me autorizou a contratar uma porção de pessoas lá no rio Iriri, porque os índios estavam jogando pedras lá no rio Iriri. E nós fomos, cheguei lá eu contratei umas pessoas, que depois eu fiz uma loucura muito grande, levar pessoas assim que não tinham nada a ver, no meio dos índios que estavam matando, matando e comendo. Eles mataram para comer, porque tem fotografias aí. E eu fui, penetrei na mata, entrei pelo rio Iriri, sai na roça dos índios Arara, fiquei lá na roça dos índios Arara, acampeei lá perto. Esses índios nunca jogaram um (...) no nosso acampamento, eles passavam, nós víamos eles passando de manhã, nós víamos, eles passavam, pegavam os brindes que nós colocávamos, na época eu fiz, tinha lá terçado, machado que eu tinha deixado, aí meus companheiros diziam assim "Poxa, está amolando o terçado para cortar nosso pescoco", eu dizia "pelo menos vamos dar uma coisa amolada, pelo menos eles não corta com ferramenta cega". E nós ficamos até fim de maio, esses índios nunca jogaram nem sequer um coco, eles passavam lá, a gente via de tarde eles estarem batendo nos paus assim próximo, bem próximo do nosso acampamento, eu fiz um acampamento, não fechei, aberto, totalmente aberto, só fiz cobrir a casa e moramos debaixo, nós passávamos o dia debaixo, nós íamos todos os dias levar presentes lá (...) que até então ninguém sabia que língua os índios falavam, todo mundo falava que os Arara eram Tupi, só que eu falava, eles apareciam, faziam moitinha assim por perto, eu saía

falando, nunca ninguém me respondeu nada. Aí foi o tempo que apareceu uma gripe e pegou em nosso pessoal lodinho, todo mundo com febre, aí eu resolvi sair, porque na hora que os índios chegarem aqui nós vamos matar todos, então eu não vou ficar aqui mais, doa a quem doer, mas eu não vou ficar aqui, aí peguei o pessoal lodinho e retirei. Quando chego com o pessoal em Altamira, aí surgem os Araweté na beira do Xingu. Aí o cel. Nogueira manda que eu suba o rio Xingu, porque antes os Araweté sumiram por dois anos, então o cel. Nogueira falou com o chefe da Base de Altamira e disse a ele "o João, eu posso mandar o João lá com vocês, sem compromisso, ele vai sem compromisso para ver se ele entende a língua dos índios, porque todo mundo que vai lá ninguém entende", ninguém entendia a língua dos índios Araweté, e o cel. Nogueira falou "o João vai", e o chefe não quis, esse aí já era o Salomão, o Salomão deixou "pode ir". Eu fui, logo no início eu entendi uma base de 30% da língua, depois fui fazendo comparativo da língua e depois eu consegui.

B- Você encontrou os Araweté primeiro aonde ?

JC - A primeira vez eu encontrei na beira do Xingu, do rio Xingu, aí depois lá...

B- Fala um pouco desse primeiro encontro. Como chegou essa notícia ?

JC - A notícia chegou em Altamira através de um barqueiro, que viram os índios lá na beira do rio, o grupo de índios na beira do rio. Aí todo mundo ficou com medo e pediram que a Funai comparecesse lá e eu tinha chegado em Altamira, eu tinha chegado para voltar para os Arara, eu estava disponível, estava de bobeira, não tinha nada para fazer, e eu não gosto de ficar assim e fui. Aí chegamos lá, aí chegamos no Xingu, fomos, os índios não estavam no acampamento, aí nós encontramos...

B- Onde era esse lugar ?

JC - Esse lugar é...

B- Furo do Jabuti ?

JC - é, lá no Jabuti. Já os índios estavam doentes, já estavam com conjuntivite. Já estavam com conjuntivite, não sei como pegaram, e malária também, já tinha muitos índios com febre, estavam acampados assim a...

B- Conta detalhes, quem já estava lá, como é que era.

JC - Eu fui com o Reinaldo, depois eu me encontrei lá com o Raimundinho, o Raimundo Cruz, e o atendente Lisboa, que até o atendente Lisboa os índios tinham muito medo de tomar injeção com ele, não tomavam, quando nós chegava no

acampamento para aplicar a medicação os índios trepavam nas casas, trepavam nas árvores, porque eles tinham medo do Lisboa, o pessoal chama Mano Velho ele, você conhece ele, não é ? Ficaram, como eles estavam muito doentes, aí nós fomos, com muita malária, melhoraram e também ficaram bons da conjuntivite, esse grupo primeiro sarou a conjuntivite, o remédio colocado assim, porque o índio gosta muito de remédio externo, infecção, esses negócios eles gostam muito quando o remédio, esse grupo melhorou. Então o Raimundinho foi levá-los para o acampamento lá que os índios sabiam onde era o acampamento, e ele subiu o rio, e eu fui pelo rio Ipixuna. Nessa ocasião os índios saíram com o Raimundinho e foram lá para o acampamento do Ipixuna, eu também fui por água e cheguei lá. Nessa ocasião os índios estavam lá, aí sai outro grupo, depois eu fui saber que os Parakanã que tiraram os índios da aldeia, eles não foram porque quiseram, foram tocados pelos Parakanã.

B- Nessa saída lá da beira do Xingú pro Ipixuna, pelo mato, quem que tomou essa decisão de fazer essa marcha forçada com os índios ? Porque o Raimundo conta que não tinham rancho, não tinham quase nada...

JC - É, não tinha nada mesmo. Foi, porque do jeito que os índios estavam na beira do rio, era pior para eles porque eles estavam sujeitos a outras contaminações, e já que eles tinham sarado daquela era mais viável levá-los, porque na mata tinham o que comer, tinha muito jabuti na mata, lá eles não passaram fome, até chegar não passaram fome.

B- Por que eles não foram pelo rio com você de barco ?

JC - Porque era muito difícil transportar um grupo de índios assim, do jeito que o rio estava seco na época, mês de julho, muito seco, aí ia ser pior para os índios, muito pior do que pela mata. É preferível qualquer grupo, a gente fazer a transferência dele dentro do mato é preferível do que a gente transportar por água ou por outro meio qualquer. Até de avião é perigoso.

B- Eles vararam a pé e vocês subiram de barco.

JC - Subimos de barco. Aí chegamos lá e eles fizeram um acampamento, eles fizeram uma aldeia assim que ficava uma hora e meia de viagem, da onde nós estávamos para onde eles fizeram, eles subiram o Igarapé e fizeram a aldeia lá. Fizaram a aldeia, tenho a foto da aldeia, ficava uma hora e meia de viagem. Quando foi dia 26 de agosto de 76, chegou um grupo de índios, antes disseram que tinha aparecido um grupo de índios no Jabuti, aí lá o Raimundinho pediu para ir, falou com o Salomão e pediu que queria ir lá para o Jabuti. Ele chega no Jabuti, não tinha índio e ele foi-se embora para Altamira. Quando foi dia 26 de agosto, chega um grupo de índios doentes, mas doentes, arrasados com conjuntivite

até onde não podia mais, tinha índio, para você ter uma idéia que chegou com o (...) assim todo ralado de ele andar (...). Aí os índios me falaram que tinha muito índio doente para irás que já tinha morrido alguns. Mas, eu fiquei numa situação difícil, porque ou eu tratava deles ou entrava no mato e deixava eles morrer, e eu estava sozinho, não tinha atendente, o atendente também não estava não.

B- Por que ?

JC - Ela tinha saído também de folga, o atendente não estava, eu que estava servindo de atendente, embora eu não tenha curso mas tenho dado sorte bastante para tratar índio. Como os índios estavam longe, um grupo foi para lá, ficaram 120 índios, era muito índio para eu tratar sozinho, aí eu passo um rádio pedindo que viesse um atendente para me ajudar, porque aí o Genésio, que estava na ocasião, me ajudava. Tanto que eu não procurei voltar para ir atrás dos índios porque eu ia buscar esses daqui e morria, os que estavam lá já tinham chegado, esses aí que a gente tinha que ter cuidado, além de estarem com malária, todo mundo com malária, as 120 pessoas que chegaram já estavam com nova malária. Um dia, eu não estava sabendo, antes dos índios chegarem, eu não estava sabendo que tinha gente doente, uns dois dias antes chegou um índio dizendo que a família dele já tinha morrido. Aí eu comecar a passar, todo dia ia às 7 horas da manhã e voltava às 5 horas da tarde, nós passava o dia inteiro lá fazendo medicação. Aí pedi que o Raimundinho voltasse, passei um rádio para o Salomão pedindo que o Raimundinho voltasse para me ajudar porque estava num sufoco muito grande, e que tinha índios doentes para irás. Só que esses índios não chegaram. Morreram. Você nunca leu meu relatório não ? Leu. Calculado, naquele tempo eu calculei que eu vi as ossadas e as sepulturas, 48. Foi bastante, fazia pena. Passar um índio com jabuti, a ossada dele encostado o arco e flecha, jabuti com semente de urucum, pedaço de maniva que eles iam levando já para a próxima aldeia, para a nova aldeia deles. Não deram conta, porque depois eles falaram que quando eles podiam ir mantendo, eles falaram logo quando chegaram, aqueles que eles podiam ir mantendo de comida, porque tinha muito jabuti no meio do caminho, muito jabuti, e eles iam dando comida, mas aqueles que iam piorando eles iam deixando para irás. Os primeiros eles enterraram, depois não enterraram mais. O índio ficava cego, não podia andar e era o jeito morrer de fome (...) nós vimos muitas ossadas. E eu fiquei tratando os índios lá na aldeia, para não morrer mais, não morreu nenhum mais, chegou 67 índios, com os que estavam já lá formou um grupo de 120, esses Araweté que ficaram lá.

B- Então repete para mim o seguinte, lá no Furo do Jabuti na beira do Xingu, quantos índios tinha lá ?

JC - Era 48, eu contei 48.

B- Esses é que vieram a pé ?

JC - Esses vieram a pé. Aí depois veio mais um grupo de 67, o resto morreram em viagem, 67 chegaram lá.

B- Quer dizer, esse pessoal que chegou depois, ficou para trás, morreu pelo caminho, era do primeiro grupo...

JC - Do primeiro grupo, eles moravam tudo numa aldeia só. Depois é que chegaram mais cinco, os Parakanã mataram 12 lá na aldeia, porque esse grupo não quis ir embora e morreram. Mas nós vamos chegar lá. Então eu peguei um pessoal do Posto e abrimos uma estrada, um caminho (...) para viajar a qualquer hora, aí em vez de uma hora e meia fazia essa viagem em 45 minutos. Aí fiquei tratando, tratando até que todo mundo ficou bom. Naquela época tinha Varaprinti(?), remédio para malária, então esse remédio foi com que eu curei o pessoal, tinha Varaprinti, para as crianças eu partia, colocava na banana, nós tínhamos banana lá, colocava na banana e dava para as crianças, eu sei que o resultado é que não morreu mais nenhum durante o tempo que eu estive lá, eu passei até 77, fim de 77 eu sai, aí não morreu mais nenhum índio. Morreu um pequenininho assim afogado, caiu na água, foi brincar e a mãe não viu, quando nós vimos o menino já estava morto dentro da água, foi o único óbito que nós tivemos lá. Eles tiveram muitas doenças, inclusive foram atacados pelos Parakanã, dia 19 de setembro nós tivemos uma visita dos Parakanã lá na aldeia, no Posto, porque os índios estavam nessa aldeia e eles de lá, quando sentiram a aproximação dos Parakanã, que eles chamavam Aum(?), eles vieram todinho para o Posto, lá onde nós estávamos, então eles formaram, fizeram uma aldeia assim lá encostado, próximo, e ficaram lá com medo dos Parakanã. Quando foi dia 19, 17, dia 19 de setembro os índios atacaram, jogaram um bocado de flechas mas não acertaram em ninguém, os Parakanã. Nessa viagem que eles saíram, os Parakanã, saíram de lá, porque eles vieram do Bacajá, lá que eles foram flechar os Xicrin do Bacajá e houve aquele massacre. Depois disso, quando foi em dezembro, antes, em novembro eu fui fazer uma viagem para ver se, porque os índios falavam "vamos embora lá, vamos embora lá buscar kraoa(?), vamos na aldeia", foi, não, foi em agosto, em agosto, eles atacaram em setembro, foi em agosto. Nós fomos, fui com Raimundinho e mais dois servidores e mais quatro ou cinco índios Araweté, nós subimos o rio até onde era a travessia dos índios, dos Araweté, que atravessavam o rio Ipixuna. Nós viajamos o primeiro dia, à tarde nós vimos vestígios dos Parakanã, recentes. Aí eu falei para o Raimundinho "eu vou atrás, eu vou com o Karará, eu vou atrás desses índios e tu volta com os índios, tu vai te embora lá para o Posto, e nós vamos atrás desses índios aqui para ver onde eles estão". Aí o Raimundinho ficou com medo e não deixou eu ir, ele falou "(...) ao menos até a beira do rio porque se os índios nos

encontrarem aqui nós vamos morrer, vão nos matar". Então, vamos embora. Quando chegamos na beira do rio ele disse "não, nós vamos lá e vamos pedir reforços". Aí nós pedimos reforço para Delém, nunca chegou até os Parakanã atacarem no dia 19 de setembro. Quando foi o fim do ano, depois de todas essas mortes, que os índios atacaram lá, eu sai e fui buscar umas coisas que os índios tinham deixado ali, aquele índio Meandô, eu fui com Meandô, Taium (Toiê) e uma meninazinha neta, que tinha mais ou menos 9 anos, aí que eu sai. Nós fomos, quando chegou no caminho, e fui com o Zê, Zê(...), que era conhecedor do mato, nós fomos para chegar na aldeia dos índios para ir buscar kraoá e outras sementes que eles queriam, urucum e outras coisas. Lá nós desviamos do caminho, aí nós fomos sair já próximo no Xingu, lá onde nós tínhamos encontrado eles a primeira vez. Na volta, foi na volta que eu passei pelo caminho que os índios vieram do Xingu e encontrei essas ossadas todinhas. E quando eu chego aí da aldeia, em novembro, é que eu já vim para Altamira. Quando cheguei em Altamira, eu não tinha nada para fazer e falei para o Salomão "olha, Salomão, não tem nada para eu fazer, deixa eu acompanhar o Afonso", em 78

B- Lá no Arara.

JC - No Arara. Aí nós viemos. Aí eu comecei a acompanhar o Afonso. Estávamos fazendo planos de fazer duas equipes, eu entrava pelo Xingu, lá pelo Iriri, porque eu sabia, tudo indicava que os índios, quem entrasse pelo Iriri eles não mexiam, porque aconteceu um caso interessante. Nós entramos pelo Iriri e os índios nunca jogaram coco no nosso pessoal, nunca, nunca ameaçaram em nada, e nós íamos, nós víamos lá os vestígios deles recentes, nós deixávamos, parece que eles estavam escondidos, nós deixávamos os presentes, na hora que nós saíamos eles iam buscar. O Afonso entra pela Transamazônica, vai dormir no mesmo local que eu dormia, nosso acampamento, nosso acampamento era só assim embaixo da mata, sem roça, era verão, o pessoal não fazia nem cama, às vezes armava um plástico e nós ficávamos lá em baixo, a gente só fazia limpar em baixo, cortar o mato, fazer um tipo de roça, eu sempre faço, eu limpo tudo, eu faço contato assim, eu limpo tudo, fica tudo roçado por baixo, no caso do índio aparecer a gente está enxergando. E o Afonso dormiu lá e de noite os índios atacaram.

B- Por que você acha que entra pelo Iriri e eles não atacaram e na Transamazônica...

JC - Eu atribuía a isso, todos os atritos que tinha, todas as brigas que eles tinham era ali na Transamazônica, então eles achavam, como o pessoal do Iriri, há muito tempo eles não tinham atacado nós no Iriri, aí eu atribuía a isso, a motivo deles não atacarem é porque nunca tinham sido atacados, o pessoal que entrava pelo Iriri.

B- Agora, antes de ir para a frente, você tem muita experiência já de vários casos de atração, qual a conclusão a que você chegou, passado esse tempo todo, do que aconteceu lá no Araweté. Para você foi diferente, foi mais difícil esse trabalho? Qual a avaliação que você faz do caso?

JC - Eu achei que houve um pouco de descaso, não vou dizer da Funai não, mas aí eu queria ter tido mais um pouco de amor ao índio, porque em muitos casos, eu não digo que sou melhor que os outros, mas em muitos casos eu já tenho abandonado a minha família para cuidar os índios. Nesse caso, eu achei que o Raimundinho foi um pouco negligente de não ficar lá ou então, assim que ele viu que não tinha vestígios de índio, ele estava com embarcação própria, ele teria voltado para acudir esse outro grupo de índios, ou então ele ficava com eles no Posto, eu disse para ele isso "tu fica com esse que está aqui, tratando, tu fica com o enfermeiro e eu vou atrás dos outros que estão doentes", eu tinha encontrado alguns índios na saída. E não aconteceu isso, nessa viagem dele ele passou um mês, passou e eu fiquei sozinho lá no Posto. Aí foi muito sobrecarregado e tivemos a felicidade de não morrer nenhum índio. Só que, o último grupo, aquele que eu estava falando, o último grupo que tinha ficado na aldeia os Parakanã chegaram lá, mataram 12 e três, um casal e meio, fugiram dos Parakanã. Inclusive uma índia chegou com a cabeça pelada, todinha, os Parakanã pegaram ela, rasparam a cabeça e ficaram com ela lá dois dias, ela fugiu, conseguiu fugir e chegou, escapou deles. Esse pessoal estavam bons, porque na hora que eles saíram, esse que morreu, e o outro esse grupo de parece 15, 16 pessoas, inclusive o nome do índio que comandava eles era Aranté (Warampé), esse eu guardei bem o nome dele, Aranté. Esse índio não quis vir para cá, acompanhar os outros índios para o Xingu, ficou na aldeia e esses Parakanã saíram lá e massacraram todos. Inclusive o Raimundinho depois foi lá e viu que tinha 34 flechas Parakanã enfiadas numa ossada, possivelmente desse Aranté. Então foi o que eu achei mais trabalhoso, não foi difícil, foi trabalhoso, foi lá os Araweté. Devido às circunstâncias em que eles foram encontrados, bastante doenças, malária e conjuntivite, esses dois tipos. Depois eles pegaram uma diarreia, mas não morreu ninguém, ficou índio prostrado, mas nós tivemos os cuidados necessários para fazer todos escaparem.

B- Nessa época o sr. chegou a conhecer o Cotrim?

JC - Conheci.

B- Chegou a trabalhar com ele?

JC - Não.

B- O que o sr. achou da reação dele na época, de largar tudo, ir embora. Como o sr. viu isso, o sr. lembra? O que o sr. pensava?

JC - Em lembro, inclusive ele foi, exagerou muito as coisas, acho que muitas das coisas ele não se informou direitinho, aquilo que ele escreveu contra a Funai, contra os servidores, acho que ele não se inteirou bem da situação e se precipitou, eu acho.

B- Voltando para os Arara, para terminar essa fase final aí, só para ter uma idéia, aí o sr. trabalhou nos Arara, depois dos Arara dá sua história até hoje, assim rapidinho, do Arara para frente quais as coisas que o sr. fez?

JC - Depois dos Arara, quando eu parei, porque os índios me flecharam dia 13 de junho de 70, de 79, até junho de 79 eu fui, assim que eu melhorei, teve um problema no Waiãpi. Os índios ficaram lá muito revoltados, eu fui designado para ir fazer uma viagem para acalmar, assim como apagar o fogo deles lá.

B- Eles estavam revoltados por que?

JC - Eles estavam muito revoltados porque não queriam que ninguém mais da Funai fosse, eles estavam muito tristes, tinha morrido alguns. Aí eu fui. Essa viagem eu fui, desci na aldeia do rio Pucú(?), fui até de helicóptero, na ocasião eu ainda estava com a cirurgia meio aberta, que o helicóptero não pode descer e eu pulei e rasgou, ficou uma hérnia aqui na barriga. Eu fiquei lá, os índios foram nos encontrar muito bravos, estavam também doentes, para você ter uma idéia, numa semana eu apliquei, mas era gripe só, quase 200 ampolas de Ozonil(?) num grupo de 86 índios que estavam lá. Uma semana, pouco mais de uma semana todo o estoque de Ozonil que tinha nós aplicamos nos índios. Também não morreu ninguém mais, depois que nós chegamos lá não morreram. Nós fomos para voltar no mesmo dia e o helicóptero foi, foi bom porque o helicóptero só voltou depois de oito dias e os índios já estavam sarados.

Aí eu vim para Belém, depois eu voltei para ficar no Posto Waiãpi, lá no Amapari. Aí eu fiquei até 82, até dezembro de 82. Aí eu saio para tirar férias e o Lamartine(?) passa nos Parakanã, nesse tempo os Parakanã estavam apáticos, não queriam mais nada, já estavam entregues, só queriam morrer, se acabar. O Lamartine passa nos Parakanã e disse para mim, se encontrou comigo e disse "João, olha, eu quero conversar contigo sobre o Parakanã, está arrasado, está tudo acabado, Parakanã está liquidado, eu quero falar contigo a respeito deles". Aí foi embora para Brasília. Um dia, quando eu chego na Funai o Paulo Cesar que era o delegado me chamou e disse "João, tu sabes de uma coisa", aí o Fiorello estava atrás dos índios Parakanã na época, esse (...) da fazenda Banach, que ele encontrou o grupo lá na fazenda Banach, aí eu

perguntei, porque eu sempre interessado nos Parakanã, eu perguntei "como é que está os Parakanã?", e ele "sabe de uma coisa? Tu foste transferido para o Parakanã", "para onde me mandarem eu vou", "tu acha bom?", e eu "não sei, não sei como eles estão lá", "não, o Lamartino me disse que eles estão liquidados e acho que só se tu fores lá dar um jeito, pode ajeitar". Aí eu fui transferido para o Parakanã, aí que nós fizemos a mudança de onde eles estavam, porque eles não estavam lá porque queriam, já estavam querendo mudar porque a história do Parakanã, o Antonio Carlos ia colocá-los no Murici, o Murici é um lugar ótimo, um castanhal enorme, muita caça, muito peixe, lá no Murici. Mas o Antonio Carlos começou, até me levou um dia para nós ir nos Parakanã, aí eu fui com ele, nós fomos de helicóptero, aí eu disse "olha, Antonio Carlos, de helicóptero não se vê terra para índio morar, tu tens que ir por baixo com os índios, para eles escolherem o lugar, não é tu que vai escolher de helicóptero". Aí nessa época ele fez mais de 100 horas de voo de helicóptero procurando lugar para localizar os Parakanã. Ele fez a mudança duas vezes, que os Parakanã até se queixaram muito disso, que eles chegaram lá sem nada, porque deixaram, tudo que eles tinham o Antonio Carlos fez eles perderem. Então eu fui para lá e quando cheguei lá os índios, aquela festa, a gente passa tempo sem ir para uma aldeia quando vai, e faz amizade, os índios ficam alegres. Então falei "vamos mudar?", e eles "vamos embora", "vocês já sabem onde vão ficar?", "já, nós já sabemos, já temos o lugar para ir morar", "então vamos para lá". Eu cheguei em abril, não, antes o Fiorello contatou os índios e um índio chegou muito doente, onça tinha mordido ele todo, eu fui lá para a fazenda Banach para retirar esse índio antes de eu assumir o Parakanã, na época que eu fui transferido, eu fui lá para pegar esse índio, o índio foi contatado, nós chegamos lá, o índio tinha chegado nessa tarde, nós chegamos e eu fui com uma enfermeira, a enfermeira chegou lá e nós tínhamos que fazer um soro no índio, eu disse "vamos fazer o soro no índio", aí eu conversei com o índio, conversei, conversei e fiz ele aceitar o soro. Aí nós fizemos o soro nele e aplicou antitetânica tudo porque ele estava, já estava com gangrena na mão onde a onça tinha mordido, a cabeça dele estava toda mordida de onça e rasgada de onça, era para retirar esse índio, trazer para o hospital para cuidar dele. Eu fiz isso, cheguei lá, tratamos do índio, era só eu que fazia mesmo porque a enfermeira tinha medo, o grupo de índio todinho, tanto que o helicóptero só nos desceu, nem parou, nem pousou, ficou assim subindo e descendo porque os índios todinhos armados e aí o piloto ficou com medo, ele nos deixou lá para ir buscar para trazer o índio para a serra dos Carajás para tratamento, e ele não voltou mais. Aí essa viagem nós fizemos, aí eu era só acompanhante, eu estava lá só colaborando, a título de colaboração, nós acompanhamos os índios, inclusive fiquei com o índio para trás porque ele andava devagarinho, o pessoal todo foram na frente, aí, porque quando eu faço

alguma coisa errada cai sobre mim e todo mundo sabe, quando os outros fazem é certo.

B: O chefe dessa vez quem era ?

JD - Fiorello. Colocou os índios na beira de um campo numa fazenda, um sol tremendo, até uma índia morreu queimada (...). Então esse grupo de índios quase se acaba, quando chegaram no Marudjevára já estava quase acabado. E nós levamos esse índio, nós viajamos dois dias até chegar nessa fazenda, era uma fazenda mas que não tinha gado, só tinha uma pista, aliás por sinal muito ruim, mas deu para nós sair, o avião apitando, comigo o índio e mais outro índio. E nós conseguimos melhorar a situação do índio que estava febril, febril, tiramos a febre dele só que a mão, como nós demos antitetânica, paralisou, não progrediu a doença, e quando chegou na serra teve que operar. E nós levamos até a fazenda, no outro dia o avião veio nos apenhar e trouxe para a serra dos Carajás. Eu fiquei 15 dias com ele na serra dos Carajás, até que ele ficou bom, eu acompanhei ele o tempo todo, o índio era um negócio, um medo, era só agarrado comigo todo o tempo. Quando eu voltei aí da serra dos Carajás foi o tempo que o Parakanã atacou, flechou o Eliezer lá no Ipixuna. Coincidiu, naquela época, quando eu vim com o índio para deixar lá na fazenda era para mim prosseguir até o Ipixuna para ficar lá uns dias enquanto o Eliezer ou outro voltar para lá, porque eu já era transferido para o Parakanã. Daí eu fui para o Parakanã. Fizemos a mudança em abril, cheguei lá em fevereiro, quando foi em abril fizemos a mudança. Pegamos, os índios já tinham lá o buraquinho deles e nós fomos para lá ficamos naquela, sabe o buraquinho, eles comendo a mandioca do lugar onde eles estavam, dizendo "agora ninguém vai mais sair daqui porque fomos nós que escolhemos". Porque o lugar não é muito bonito lá, você não foi ainda lá não ? Não é muito bonito lá, mas eles escolheram lá e eu estranhei porque não era o Murici, era o Andorinha, esse lugar lá onde os índios estão nós cansamos de ir pescar quando eu estava com eles lá no contato, e de vez em quando eles convidavam "vamos embora pescar" e eu ia com eles. Aí nós fizemos o Posto, montamos, fizemos uma barraquinha lá, os índios fizeram a aldeia deles, nós fizemos uma barraquinha, aí ficamos morando lá e os índios fizeram roça, roça, esse ano eles fizeram roça, roça, fizeram 42 alqueires, hectares de roçado. Plantamos, tudo que nós tínhamos de banana plantamos lá porque os índios eles nunca cortado banana assim, nós fizemos um corte num dia, o primeiro dia que eles cortaram, cortaram 42 cachos de banana e disseram "como é que a gente faz com tanta banana", "vocês fazem um jirau na casa de vocês e colocam, porque vocês comem, menino come casca de banana, agora vão deixar de comer casca de banana". Tanto que eles são produtores de banana agora, eles vendem muita banana, você sabe que eles vendem muita banana lá. E eles fizeram esses 42 hectares de roça e ficaram bem instalados e hoje

eles estão progredindo bastante. Tanto que o dr. João Paulo chegou um dia lá e eu fui levar eles na roça, mostrar a roça para eles, ele perguntou para mim "quem é que fez essa roça?", "os índios. Por que, doutor?", "não, porque nas outras aldeias que eu ando quem faz são os trabalhadores, os índios pagam", "mas aqui o sr. está vendo, sou só eu e mais dois, nós não temos condições de fazer roça para índio, eles fizeram a roça deles sozinhos e plantaram". E foi o último lugar que eu estive.

Nessa época todinha de Funai e SPI, eu trabalhei com índios aculturados, três meses com os Kaiapó na aldeia do Pombo, aliás o Pombo ficou o tempo todo pedindo que eu voltasse para lá, porque eu fiz algumas coisas lá para eles, ajudei eles a fazer, incentivei plantar roças, incentivei nesses três meses que eu passei lá, eles a plantar roça, a produção que eles tinham, tinham uma produção de arroz, então eles queriam vender para comprar fora, consertei máquinas de beneficiar o arroz, e beneficiava o arroz para eles, e fizemos um plantio de guaraná, uma porção de coisas eu fiz lá, esses três meses que eu passei no Kaiapó, foi a única vez que eu trabalhei com índio que não era isolado. Foi os Urubu primeiro, depois Parakanã, depois Araweté, Waiãpi, lá nos Waiãpi eu passei três anos.

B- Depois Guajá.

JC - Agora Guajá, também parece que o último contato...

B- Depois Tupi do Cuminapanema.

JC - Sim, depois eu fui no Cuminapanema.

B- O sr. é considerado como um sertanista especialista em grupos Tupi, não é isso?

JC - é, só Tupi. é porque eu sei falar a língua Tupi.

B- Qual é o balanço que o sr. faz da sua experiência? Qual é o futuro desses Tupi, como o sr. compara os Tupi com os Jê, o pouquinho que o sr. sabe, como é o sr. vê isso aí, faz diferença?

JC - Muita, muita diferença. Porque eu acho que o índio Tupi é um índio que é de índole pacífica, um índio muito que compreende as coisas, menos rebelde, o Jê é um índio rebelde, quer ter uma superioridade maior que os outros, tanto que eles não se dão com os índios Tupi. E, ultimamente, eu estou achando que está tendo um progresso bastante, quando a natalidade dos Tupi está aumentando bastante, todos esses grupos que eu passei por eles têm evoluído bastante na natalidade, menos óbitos, por mais que o pessoal todo reclame que a Funai não faz, se a gente for avaliar, se nós formos avaliar o que é o ribeirinho para o índio tem uma diferença muito grande. A gente anda nessas

beiras de rio aí e vê o que os ribeirinhos sofrem e que o índio tem uma assistência, que não é a ideal mas não é das piores também. Você vê lá os Poturú, Poturú também o nome foi eu que descobri, inclusive o Sidney brigou comigo um dia porque diz que eu estava dizendo que os índios eram Poturú e amanhã um antropólogo ia lá dizer que não era, que o nome deles era outro e eu "mas Sidney, eles estão dizendo toda hora que o nome deles é, a identificação deles é aquele pau, que aquele pau é poturú e eles são Poturúdjara(?)", mas não é, no dia seguinte para minha surpresa, o Sidney está na televisão, isso foi lá em Santarém, o Sidney estava na televisão dizendo que os índios eram Poturú, que ele ia lá nos Poturú. E eu "mas, rapaz, você faz uma coisa dessas, tu araba de dizer que não é para eu falar mais que os índios são Poturú e tu vai na televisão e espalha para o mundo que os índios são Poturú!". Porque eles dizem, aquele pau chama poturú na língua deles, então eles são Poturúdjara, djara quer dizer dono, a pessoa que é possuidor, então a identidade deles eles dizem assim, perguntavam para mim "vem cá, me diz uma coisa, tu já conhece outros índios, outras pessoas por aí?", "conheço", "tu já viste alguém com esse pau na boca, assim desse jeito?", "não, eu vejo com casca de cajá, com pedra, com outras coisas, pena, mas com esse pau eu nunca vi, desse tamanho eu também nunca vi", e eles dizem "então é isso, nós somos isso". Agora, eu acho que os missionários sabiam, só não queriam...

B- Mas muitas vezes o primeiro nome que se ouve... Mas aí tem vez que o nome do grupo às vezes, no começo do contato, dá um nome, aí estava pegando em cima de um... não tem esses casos também?

JC - Acontece sim.

B- Como é que foi no caso dos Araweté? O sr. que deu o nome?

JC - Não, eles que deram. Eles que me disseram "nós somos Araweté". A mesma coisa que está o Guaja-awa(?), o Tupi todo índio ele é awa, porque awa é homem, é gente, então (...) disseram que ele é awa, eles se dizem awa "somos gente". O Araweté "nós somos homens verdadeiros", porque não dizem awaeté, porque muitos são awaeté, eté é verdadeiro, eté quer dizer verdadeiro, quando é eran(?) é falso.

B- Mas o Eduardo Viveiros, que é o antropólogo que estudou os Araweté, diz que araweté não quer dizer nada na língua indígena.

JC - Ele falou sim, o Eduardo diz que foi invenção minha.

B- O que o sr. acha disso?

JC - Eu acho que não, porque os índios falaram para mim que são Araweté, Araweté, porque eles não dizem owa, eles dizem araweté, eles disseram que eles eram os Araweté, não é quer dizer que é arara porque eles são homens, porque o Araweté eles falam, abreviam muito, abreviam muito, eles, tem uma letra que eles comem muito quando estão falando, eles usam muito o som nasal, para dizer "ele tá" eles dizem "tã", tata é tatã. Eu ainda me lembro algumas coisas, algumas palavras (...) pois é, mas ele fica falando essas palavras tatã, tã, muitos deles falam muito (...) anasalado e também abreviam muito. Eu tive dificuldade na abreviação deles.

B- Agora essa história de que sertanista fala uma coisa e antropólogo fala outra coisa, isso aconteceu muitas vezes...

JC - Isso acontece demais...

B- O que o sr. acha dos antropólogos...

JC - Escuta aqui, cadê que eles descobriram outro ? Já descobriram outro nome ? A denominação deles ? Não. Já ?

B- Eduardo fala de bidé.

JC - Bidé é... mas, bidé, eles não usam umé(?), bidé é mais, porque eu sempre falava assim, com Tai(?) nós conversávamos muito, aí eu falava assim "eu vou para casa, vou para Belém, para mim casa", ele sempre dizia "bidé, eu vou também, abidé", "bidé nada, é sou que vou, tu não vai", "geté, bidé, bidé", o Tai, conhece o Tai não é ? Aquele que tem a instalação trocada assim. Mas bidé não é nome deles não. Aí quando a Dominique falou assim "ah, os índios que são filho da lua", Dominique, são qualquer coisa da lua, que filho da lua nada. Aí tem Tapiri(?), é outro índio que tem lá junto com os Poturú, que tem próximo outro grupo de índios que eles chamam Tapiri.

B- O que o sr. acha dos antropólogos ?

JC - O que eu acho, tem muitos antropólogos que eles deturpam. Olha a Dominique, eu me admiro da Dominique, você conhece bem a Dominique, não é ? A Dominique ela, como é que se diz, ela muitas vezes ela recorre a mim e depois ela fala de mim. Um dia ela disse "mas por que os sertanistas sempre acham que os antropólogos são ruins ?" Eu não sei se eu sou assim. "Dominique, desde que tu não faça o que os outros fazem, deturpar as coisas, tu quer ter certeza de uma coisa, então tu pedes 'o que é isso aqui ?', 'que quer dizer isso aqui ?', 'como é que faz ?', e a gente fala e depois tu vai dizer que não, Dominique ! Como é esse negócio ?".

B- O que o sr. acha que vai ser o futuro dos índios no Brasil?

JC - Eu vou deixar o convívio dos índios mas eu espero eles tenham uma melhor sorte, pelo menos que o índio, eu não sei se é porque eu comecei a aprender no SPI, que eu acho que o índio, o índio que a gente deve zelar por ele, que aquele índio, que a Funai devia ser Funai, Fundação Nacional do índio Aldeado, não é índios que tem aí, como ontem o coisa perguntou "é o Paiakã?", o negócio do Paiakã pegou aí no mundo todo. Então índio do tipo do Paiakã e de muitos outros aí que são índios que só estão só pegando o nome de índio para poder se acobertarem de fazerem o que querem, infringir as leis do país, eles se julgam não índios, mas na hora do pau quebrar em cima deles eles dizem "não, nós somos índios". Eu achava que os índios aldeados deveriam ter uma melhor sorte, um melhor atendimento, ter um pouco mais de cuidado com eles. Não é aquilo, mas dar pelo menos aquilo que eles acham, que a gente acha que eles deviam ter para sobrevivência, para melhor sobreviver, especialmente na parte de saúde porque o índio que é isolado mesmo, vamos dizer um índio do tipo, o Guajá já não, o Guajá já está, mas no estágio que está o Poturú, acho que aquelas índios nós devíamos conservar eles ao máximo, dentro da cultura, dentro de todos os princípios e requisitos necessários para eles terem uma sobrevivência melhor. Porque sabe que os índios vieram ter natalidade agora, há cerca de, depois que a Funai passou lá, que eu passei algum tempo lá, tirei o índio de dentro da sepultura que a sepultura dele estava cavada, eu cheguei lá e tirei da sepultura, os índios não queriam nem que eu desse mais remédio para eles, e eu fiz ele ficar bom, hoje ele está forte, o índio mais velho e casou-se com uma menina nova, sinal de que ele tomou gosto na vida de novo. Então isso aí a gente deveria ter, a Funai deveria, a Funai não, o governo porque a Funai se o governo não tomar providência a Funai, coitada, está cada vez mais desacreditada. Você vê, eu acho que tem muitas associações querendo proteger o índio mas tem medo de dar recursos porque a Funai não cumpre com as obrigações, desvia.

D: Agora, o sr. vê futuro para os índios no Brasil daqui a cem anos? Como o sr. vê isso?

JC - Daqui a 100 anos? Ah, está difícil! Acho que daqui até 2000 já têm muitos índios aí que ou eles são emancipados ou então perdem toda a identidade de índio, é uma coisa que no final eu gostaria de pedir assim que ficasse, que tivesse uma maior proteção aos índios isolados, que fosse mantida a área deles, porque muitas vezes a gente tem até certos atritos com os não-índios, as pessoas que habitam por fora, a sociedade que não é índia dizer para que o índio quer tanta terra, porque ele não precisa, porque o branco vive com 30 hectares de terra, 40, e sobrevive e não imaginam, é o que eu sempre digo, o índio não tem supermercado, então ele vive da mata, ele vive da mata, da caça, então isso aí tem que fazer uma preservação daquilo para que eles possam se manter e tem que ser área grande porque na pequena, se

cercar todinha, a sociedade envolvente vai diminuindo cada vez, aperiando e no final eles vão morrer de fome porque esses índios Guajá que nós fizemos o contato com eles, eles mais de dois anos eles não sobreviviam, ou eles se entregavam ou se eles quisessem viver como estavam, vivendo isolados eles iam morrer de fome, porque não tinha mais o que eles comer, os índios passavam uma fome tremenda, no verão não, aí que eles, tem muitas lavouras, eles pegavam aqueles bichos de caça boisuan(?), campinima(?) e eles tinham o que comer, estavam comendo apenas caroço de inajá, caroço de inajá e aquela batata do ananá bravo, era o que eles comiam e a fruta do arapari, que a fruta do arapari era aquilo que eles cozinhavam e quando o arapari não estava de fruta, o que eles comiam? Porque aquilo é por época, é o que eles comiam. Os índios estavam acabados.

B- Qual era o local ?

JC - Eles estavam aí no município de João Lisboa, entre João Lisboa e Amarantes. Mas um negócio, depois que nós começamos, fizemos o contato com eles, começamos a levar comida, então tinha muito peixe e nós temos anzóis e eles não têm, pescar de flecha é difícil, nem todo o tempo o peixe flutua para o índio flechar, aí nós começamos a levar peixe, nós levamos de um jeito que pescava e levava para eles, eu queria que vocês vissem a alegria que os índios ficavam quando a gente levava comida para eles. Às vezes pegava jacaré, eu ia caçar de noite, matava jacaré e levava para eles, eles ficavam felizes da vida, comiam que não era brincadeira, na hora que a gente ia chegando eles iam cuidando, tratando, botando no fogo. Uma situação difícil, os grupos que ainda existem por aí, se estiverem na situação daqueles, lá dos Guajá, e os Guajá o nome deles mesmo é Awa, porque é homem, eles dizem Awa Guajá, Guajá os Urubu que deram o nome de Guajá para eles, para uns Guajá para outros Arapihú e Awa é nós, é gente, nos somos Awa também.

B- Sr. João, agora o sr. está morando lá no Canindé de novo...

JC - Lá no Araçati, lá no Posto de Tiracambu, vou terminar em dezembro a minha missão, em dezembro eu estou saindo da Funai. Vou completar 70 anos, sai a compulsória e automaticamente eu sou afastado.

B- O sr. vai sair ?

JC - Automaticamente eu vou sair.

B- O sr. não vai mais lidar com esse assunto ?

JC - De índio ? Não sei, acho que não, até porque eu não estou muito satisfeito com essa administração que eu estou, lá do Maranhão. Acho que tem um certo despeito, porque eu

sou um sertanista que eu sei o que faço, então se eu for para uma equipe de contato eu sei o que eu vou fazer, de acordo porque o contato de índio cada um tem um jeito de fazer, isso não é pré-estabelecido, a gente pode estabelecer a viagem, o programa de trabalho mas chega lá a gente está sujeito a mudar a qualquer hora, de acordo com a situação que requer o grupo de índios. Tem índio que a gente chega lá para fazer o contato com eles e tem que namorar primeiro, têm outros não, que a gente encontra e faz o contato. E acho que o pessoal lá não se dão com esse meu tipo de trabalho, esse meu esquema, porque eu não fico pedindo opinião para ninguém porque eu sei o que eu vou fazer, eu não gosto de estar pedindo opinião "o que que eu vou fazer hoje ? Se eu vou atrás do índio, não vou, se eu encontro o índio o que é que eu faço, vou voltar, devo dar blitz, devo não dar ?" Eu não faço isso, eu vou sair da Funai mas não tenho esse tipo de trabalho de estar pedindo a opinião, eu peço a opinião lá dentro do meu grupo, da minha equipe, quando eu entro no mato eu digo assim "nós estamos aqui, eu sou o responsável, se acertar tudo e se acertar nós somos os heróis e se não acertar eu sou o vilão, eu errei, mas nós estamos aqui para combinar, nós trabalhamos tudo de acordo, aqui eu sou apenas o responsável pelo que houver". Não é dizer que eu sou um chefe de mandar, na hora a gente combina as coisas para fazer da melhor maneira possível.

B- Só para encerrar, dessa experiência toda que o sr. teve com grupos diferentes, ficou alguma preferência ? Uma experiência, um tempo ou um grupo desses que o sr. conviveu, seu coração está onde ?

JC - Eu acho que todos sabem que quando a gente luta com um grupo de índios assim, acho que todos ficam fazendo parte da família, a gente tem um apego, eu acho que quanto mais o índio é humilde mais a gente se apega a eles, um grupo que, eu não digo que é o que eu tenho mais afeição, mas é um grupo que ficou assim, que são os Poturú, índios muito doces, o Araweté também. E o Urubu que eu trabalhei 24 anos com eles, agora estou próximo deles e eles estão com vontade, se eu fosse ficar lá eles iam mudar, agora mesmo eles me falaram que iam mudar umas quatro ou cinco aldeias, iam tirar de cada aldeia duas ou três famílias para fazer só uma aldeia lá, a fim de vigiar a terra deles, porque está abandonada mais ou menos, o branco está entrando direto, a coisa está difícil para a gente da Funai fazer a expulsão daquele pessoal, e eles então estavam dispostos a ir morar para lá porque eu ia para lá, porque até hoje, eu fui um dia desses lá no Canindé, e os índios vieram, trouxeram criança, três dias de viagem, souberam que eu estava no Canindé, fui passar uma semana lá, quase uma semana com a minha mulher, eles trouxeram, os índios, as crianças para me conhecer porque eles falavam muito e para me conhecerem. Então é uma coisa gratificante que eu tenho desses 46 anos...

B: Tem alguma coisa que o sr. acha que é importante e que o sr. gostaria de dizer ?

JC : A única coisa que eu desejo é que certas pessoas, as autoridades cuidem do índio da melhor forma possível para não haver o extermínio e que eles mantenham, uma coisa que eu sempre quis e procurei preservar foi a cultura, eu não interfiro, eu faço contato e não interfiro, as coisas deles eu levo, eu aprendi com o Darcy a etnocentria, que a gente fica, que os antropólogos aprendem, da gente vê e não vê, da gente ouve e não ouve, tudo que é deles então continua, as superstições, essas coisas todinhas, inclusive eu até parece que já sou, tenho um monte de superstições, faço tanta coisa cheio de superstições, não sei se é o que eu aprendi com os índios ou já trouxe de berço porque a mamãe também tinha muitas superstições, eu não sei se ela trouxe de berço, como eu falei no início que eu tinha muito medo de índio e depois o índio me flechou e eu até hoje não tenho medo de índio, até hoje, possa ser que depois eu tenha. Eu entro num grupo de índio assim e não tenho o mínimo de pavor, eu acho que índio nunca vai me matar não, não matou dessa vez a traição agora eu acho que nunca mais vão me matar.

FIM